

OS CONCORRENTES AO PRÊMIO TAPIRÁI 1993

# MAGALON

FIÇÃO CIENTÍFICA & HORROR

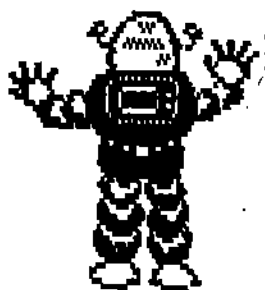
ANO V N. 24 JAN/FEV 93

CESAR R.T. SILVA

MIGUEL CARQUEIJA

CARLOS ORSI MARTINHO





## MEGALON

### FICÇÃO CIENTÍFICA & HORROR

Ano V Número 24  
Janeiro/Fevereiro 1993

Fundadores:

Marcello Simão Branco e  
Renato Rosatti

EDITOR:

Marcello Simão Branco

Colaboradores:

Miguel Carqueija, Orson Scott  
Card (USA) e Roberto de Sousa  
Causo

Prêmio Nova 1989 e 1990

MEGALON é uma publicação independente e não-profissional. Periodicidade bimestral. Aceitamos colaborações que ficam sob apreciação do editor. Os trabalhos, publicados ou não, não serão devolvidos e nem fazem juz a qualquer tipo de remuneração. Os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores e as opiniões por eles expressas não refletem necessariamente a do editor.

ENDEREÇO: MEGALON

Av. Clara Mantelli,  
110 CEP 04771-180  
São Paulo, SP  
Brasil

Assinatura: US\$ 6,00 (convertível em cruzeiro) por 2 edições.

Esta edição foi terminada em  
8 de fevereiro de 1993.

## EDITORIAL

### NOVIDADES E ESPERANÇAS

O MEGALON respira saudável; o fandom também. Esta é a primeira edição de 1993, que chega com muitas novidades; e o fandom com esperanças. Apresentamos nesta edição a segunda edição do Prêmio Tapirai. Sua consolidação e prestígio ainda se faz por sentir e, modestamente, deve atingir seus objetivos. Os concorrentes, regulamento e cédula de escolha estão à sua disposição: vote nos seus preferidos e ajude a consolidar mais uma modesta, mas genuína iniciativa com vista ao fortalecimento de nosso fandom. E de le falo daqui a pouco. Outra novidade interessante é a volta de uma coluna de resenhas dedicada exclusivamente à ficção científica e afins brasileira. Ao invés do polêmico Jeremias Moranu, cuida dela agora o moderado - mas contundente - Miguel Carqueija (que também volta a colaborar em caráter fixo no fanzine). As demais atrações você pode acompanhar nas páginas do zine. Mas atente aos contos, artigos, ilustrações, notícias... e, claro, à importante entrevista de Cesar R.T. Silva e seu novo ideal a Sociedade Brasileira de Arte Fantástica: sangue novo para revitalizar nosso fandom. Pois é, e a nossa comunidade? Parece que, aos poucos, as coisas estão se encaixando novamente, depois do fim da Isaac Asimov Magazine e das discussões e baixarias que nos atrapalharam ano passado. Novas esperanças se avizinharam com novos projetos para dinamizar o CLFC, novos fanzines aparecem, os que existem permanecem e se revigoram (a despeito do pouco apoio que ainda tem do fandom), os livros do GRD estão vindo por aí, a Aleph promete retornar com sua ótima coleção, e a SBAF surge para sedimentar, diversificar e pluralizar o debate e as atividades do fandom - apesar de ainda causar dúvidas entre a comunidade. Natural, pois é uma entidade que acaba de ser criada. Mas que só se efetivará na medida do apoio e integração às atividades de uma associação que pertence a todos os interessados em, honestamente, aprimorar e desenvolver o fandom e a literatura de ficção científica no Brasil. Que as novidades e esperanças se efetivem.

# ÍNDICE

## FICÇÃO

- O Assassino Carlos Orsi Martinho 14
- O que Existe entre as Estações de Metrô Miguel Carqueija 25

## ARTIGOS

- Cinema Brasileiro de FC: Viagem a um Planeta Perdido Jorge Luiz Calife 22
- Isaac Asimov Magazine à Brasileira Gerson Lodi-Ribeiro 24

## SEÇÕES

- Editorial - Novidades e Esperanças 2
- Diário de Bordo Roberto de Sousa Causo 4
- Publicações Recebidas 6
- Prêmio Tapirai 1993 8
- Entrevista  
\* Cesar R.T. Silva Marcello Simão Branco 11
- Resenhas FC Brasileira Miguel Carqueija 27
- Books to Look For Orson Scott Card 29

## ESPECIAL

- Celebração dos 75 anos de idade de Arthur C. Clarke 7

## ILUSTRAÇÕES

- Roberto de Sousa Causo 11
- Ken Fletcher (USA) 3,10
- Kleber Inácio Luz (ARTE) 31
- José Carlos Neves 13,23,26
- Roberto Schima 17,22
- Cesar R.T. Silva CAPA

## ANÚNCIOS

- Clarion - SF and Fantasy Writer's Workshop 21
- InteriorCon IV 28
- Juvenatrix 28
- Sociedade Brasileira de Arte Fantástica 32



NACIONAL

\* A escritora SIMONE SAUERESSIG, autora de alguns livros de fantasia folclórica para jovens, participou em fevereiro último de um congresso sobre literatura intanto-juvenil realizado na Espanha. Simone começou nas páginas do fanzine Boletim Antares.

\* GILBERTO SCHOEREDER, conhecido articulista visto nas páginas deste fanzine, esteve internado durante 10 dias no mês de janeiro, em decorrência de pneumo tórax. Schoereder está agora em plena recuperação.

\* Os autores cariocas GERSON LODI-RI BEIRO e JOSÉ DOS SANTOS FERNANDES apareceram nas páginas da revista Incrível Nº 6, como consultores em um artigo de HEITOR PITOMBO, sobre a verossimilhança dos super-poderes do Super-Homem. O artigo é muito confuso e não menciona a atuação dos dois como autores de FC.

\* BRAULIO TAVARES teve seu artigo "The Curse of the Brazilian Canibals" publicado no fanzine holandês Shards of Babel de dezembro de 1992, ao lado de uma conferência de ORSON SCOTT CARD. O artigo de Bráulio aborda o Movimento Antropofágico da FCB.

\* O escritor franco-brasileiro Daniel Fresnot, autor de A Terceira Expedição, uma boa história de mundo pós-holocasto, publicou na França o volume de poesia A Quand le Printemps? pela Editions Saint-Germain-des-Prés.

\* Um Sonho Dentro de um Sonho, relato de viagens e livro autobiográfico de HENRIQUE FLORY pode sair em 1993 pela FTD de São Paulo, em uma coleção de livros de aventuras, mas com novo título e amplas alterações.

\* ROBERTO DE SOUSA CAUSO está lançando, dentro do CLFC, o Grupo de Interesse em ORSON SCOTT CARD, contando com a atenção do próprio Card. Publicará o fanzine Cardografia, incluindo matérias inéditas pelo autor americano. Adesões e informações com o Causo: R.André Dreifus, 109/163-bl. 2 São Paulo-SP 01252-901.

\* Fãs de FC de Sumaré-SP, estão lançando uma campanha de divulgação da IV InteriorCon, a convenção de FC do interior de São Paulo. Para receber

um relatório de progresso da convenção, com informações sobre as atividades e os convidados, gratuitamente, escrevam para o endereço de R.S.Causo.

\* O fanzine Vortex, que tem disponível o seu número 6, mudou seu nome para Juvenatrix—a origem do nome será revelada através de

um concurso. R. Irmão Ivo Bernardo, 40- São Paulo-SP 04773-070.

\* Está circulando o fanzine Papêra Uirandê Nº 6 com resenhas e artigos e muitas polêmicas sobre o fandom nacional.

\* A Sociedade Brasileira de Arte Fantástica estará realizando reuniões mensais na Gibiteca Henfil, todo segundo sábado do mês e a partir de março. Também estará promovendo discussão sobre a criação de um fundo para enviar um fã brasileiro à convenção

mundial, no dia 20 de março. A SBAF está também ultimando os preparativos para a realização do Prêmio Nova 1992.

\* HARRY A. HOPKINS, editor da FANDATE publications, que publica o Fandom Directory, comunicou-se com seus colaboradores brasileiros informando que a publicação deixará de circular por dois anos devido ao fato de que Hopkins, que é tenente coronel da USAF, ter sido transfe-

AQC

**DIA DO QUADRINHO NACIONAL**

ENTREGA DO  
9º Prêmio  
Angelo  
Agostini

Compareça!  
DIA 30 DE  
JANEIRO  
ÀS 14 Hs.

**OS PREMIADOS**

- Melhor Desenhista de 92: MARCELO CAMPOS
- Melhor Roteirista de 92: LAERTE
- Melhor Lançamento de 92: PAU BRASIL
- Melhor Fanzine de 92: PANACÉA
- Mestres do Quadrinho Nacional:
  - MAURÍCIO DE SOUSA
  - WALDIR IGAYARA
  - CARLOS ZÉFIRO

Prêmio Jayme Cortez: GIBITECA MUNICIPAL HENFIL

rência para uma base americana na Co réia do Sul. O Fandom Directory será retomado em 1995. Ilustrações submetidas ao concurso daquela publicação serão retidos para participarem do concurso para a edição de 1995.

\* EDGARD GUIMARÃES, fanzineiro de HQ de Minas Gerais, está veiculando um projeto de publicação de fanzines. Ele se propõe a copiar, montar e granpear fanzines cujos originais seriam enviados a ele. O processo é xerox, de boa qualidade. Guimarães tem seu projeto de publicação de fanzines bem articulado, e vale a pena conhecê-lo. Praça Monsenhor Noronha, 21-Brasópolis-MG - 37530.

#### INTERNACIONAL

\* Vencedores do World Fantasy Award 1992:

Melhor Romance: Boy's Life, Robert R. McCammon

Melhor Novela: "The Ragthorn", Robert Holdstock & Garry Kilworth

Melhor Conto: "The Somewhere Doors", Fred Chappell

Melhor Coletânea: The Ends of the Earth, Lucius Shepard

Melhor Antologia: The Year's Best Fantasy & Horror Fourth Annual Collection, Ellen Datlow & Terri Windling, eds

Melhor Artista: Tim Hildebrandt

Prêmio Especial/Profissional: George Scithers & Darrell Schweitzer, Weird Tales

Prêmio Especial/Amador: W. Paul Gansley, Weirdbook

\* ALGIS BUDRYS abandona sua tradicional coluna de resenhas em Fantasy & Science Fiction, onde atuava desde os anos 70. Juntamente com Damon Knight e James Blish, Budrys é tido como inaugurador da crítica séria na FC. Budrys também deixou sua coluna no Chicago Sun-Times, onde atuava há 20 anos. Seu novo interesse é a revista Tomorrow Speculative Fiction. Tive a oportunidade de falar com Budrys na WorldCon 1992 e de submeter-lhe uma de minhas histórias-que foi recusada com muito profissionalismo e atenção.

JOHN KESSEL deverá assumir o espaço de Budrys em F&SF. A coluna de ORSON SCOTT CARD na mesma revista pode tam-

bém sofrer alterações, tornando-se maior e mais aprofundada-o que pode se refletir também nas páginas do Megalon, que reproduz aquela coluna.

\*GEORGE LUCAS anunciou que, entre 1995 e 2000, deverá haver mais três filmes da série Star Wars.

\*Chega ao Brasil em algumas livrarias e bancas de importados a revista Science Fiction Age, que impressiona pela alta qualidade de impressão e pelas produções coloridas. A revista tem uma circulação de 148 mil cópias, fora assinantes! Por outro lado, Amazing Stories, que mudara para o formato grande e ilustrações coloridas no começo do ano passado, tem perdido leitores continuamente, caindo ao nível de uma venda inferior a 10 mil exemplares. O editor KIM MOHAN ainda acredita na recuperação dessa que é a mais antiga revista de FC em circulação, e recentemente assinou um contrato de distribuição nacional que pode tirá-la do vermelho.



\*\*\*Enquanto isso, no Brasil, nossa Isaac Asimov Magazine deixa de circular com a edição de número 25, contendo um "bilhete de despedida" do editor RONALDO SERGIO DE BIASI e da Supervisora Editorial ADÉLIA MARQUES RIBEIRO, com quem os fãs brasileiros de FC conviveram durante os dois anos de vida da revista. Os dois foram muitos gentis e atenciosos o tempo todo, e esperamos que não abandonem o fandom. O N° 25 traz ficção por GERSON LODI-RIBEIRO e JOSÉ CARLOS NEVES, dois batalhadores que estão aí desde o começo dos anos 80. Esperamos que a iniciativa da Record tenha mostrado a viabilidade de uma revista de FC, e que alguém pegue o bastão.



## publicações recebidas

### LIVRO

\* SETE HISTÓRIAS DA HISTÓRIA, de Daniel Fresnot. Melhoramentos, 1990, 60 páginas. Coletânea com 8 contos curtos que retrata, cada um, eventos históricos relevantes com uma interpretação de FC. Capa e ilustrações internas muito bonitas de Afonso Maria Fonseca de Oliveira. Fresnot é autor, também do romance A Terceira Expedição, um dos mais expressivos livros sobre o pos-apocalipse nuclear. Escreva ao autor: Rua Valença, 160 01254 São Paulo, SP.

### FANZINES

\* INFORMATIVO PERRY RHODAN, Alexandre Pereira dos Santos, editor. Nº 7, nov/dez 92, 22 páginas. Notícias, contatos internacionais, contos, artigos, quadrinhos, ilustrações. Tudo isso voltado ao universo de Rhodan. Prestígio: Rua André Marques, 209 Ap. 9 97010 - 041 Santa Maria, RS.

\* Jornada nas Estrelas: Terminal de Comunicações, Cristina Nastasi, editora. Ano 2, número 9, set/out 92, 14 páginas. Trekzine bem produzido, traz artigos e notícias sobre a série. Assine: Caixa Postal 873 Rio de Janeiro, RJ 20001.

\* NOTÍCIAS DO FIM DO... NADA, Ruby Felisbino Medeiros, editor. Recebemos todas as edições publicadas até aqui de uma só vez. São 15, abordando notícias, curiosidades, listas e pesquisas bibliográficas. Personalzine simples e de bom conteúdo. Escreva: Rua Comendador Azevedo, 506 90220 Porto Alegre, RS.

\* SOMNIUM, R.C. Nascimento, editor. Clubzine do Clube de Leitores de FC, Mar/Jun 92, nº 56, 80 páginas. Com atraso de mais de 6 meses chega o maior e mais bem produzido zine brasileiro. Notícias, artigos, contos, resenhas, ilustrações de, entre outros, Causo, Gerson-Lodi, Martinho, Schima e André Carneiro. Prestígio: Caixa Postal 2209 São Paulo, SP 01060-970.

\* Trekker Report, André Luís Guerra, editor. Nº 1, dez. 92, 16 páginas. Este é o mais novo trekzine nacional. Notícias, artigos e

curiosidades sobre a série. Escreva: Rua Serra de Bragança, 1363 ap. 142 São Paulo, SP 03318-000.

\* VORTEX, Renato Rosatti, editor. Ano II, nº 6, dez. 92, 14 páginas. Zine bem produzido e de boa qualidade. Contos e artigos de, entre outros, Gerson Lodi, Schima e Gilberto Schoeder. Edição voltada ao filme A Noite dos Mortos Vivos, com muitas fotos. Renato anuncia que o zine mudou de nome e que a partir da próxima edição terá o nome de Juvenatrix. Assine, colabore: Rua Irmão Ivo Bernardo, 40, 04773-070 São Paulo, SP.

\* WARP 9, Paolo F. Pugno e Ivo Luiz Heinz, editores. Nº 2, dez. 92, 20 páginas. Mais um trekzine, este voltado à tecnologia da série. Capa de Leonardo Bussadori, artigos, notícias. Os editores informam que estão aceitando artigos sobre Hard SF. Colaborem! Rua João Barbosa, 53 03323-030 São Paulo, SP.

### INTERNACIONAL

\* METROPOLIS, Raffaello Fiorini, editor. Números de 1 a 4, janeiro a abril de 92. Fanzine italiano sobre cinema de FC, fantasia e horror. Diagramação ousada e texto irregular. Escreva: Vialle dell'Esercito, 25 00143 Roma, Itália.

\* NEWS FROM. Boletim do "L.Ron Hubbard's Writers and Illustrators of the Future Contests". Dezembro 92, 6 páginas. Notícias sobre seus concursos. Escreva: P.O. Box 1630 Los Angeles, California USA.

\* SHARDS OF BABEL - The European Newsletter, Roelof Goudriaan, editor. US\$ 2,50, nº 39, dez. 92, 16 páginas. Fanzine holandês, escrito em inglês, de alta qualidade. Notícias, resenhas e ensaios sobre FC internacional. Traz informações sobre boa parte da FC européia. Destaque nesta edição para um artigo de Orson Scott Card e outro de Bráulio Tavares analisando criticamente o "Movimento Antropofágico da FC Brasileira". Vale a pena conhecer: Babel Publications, Caan van Necklaan 63, 2281 BB Rijswijk, ZH, Netherlands.

## Arthur C. Clarke 75th Birthday Celebration

Nascido em dezembro de 1917 comemorou 75 anos no final do ano passado um nome que dispensa maiores comentários no mundo da FC: ARTHUR CHARLES CLARKE

Foi realizada uma série de festividades na pequena cidade onde nasceu, Minehead. Compareceram escritores, editores, amigos, fãs e familiares, onde foram prestadas justas homenagens a um dos mais influentes e populares nomes da história da FC.

Fica aqui o registro e a homenagem do MEGALON e, mais que isso, do editor que aprendeu a gostar de FC lendo, primeiramente, este mestre da ficção científica.



Nesta foto, temos Clarke (sentado ao centro) cercado por seus familiares. Da esq. p/ dir.: Fred, Judith, Michael, Rosalie, David, Mary, Angela e Alisdair.

(fotos Locus Magazine)

# PRÊMIO TAPIRÁI 93

É com satisfação que MEGALON traz até o fandom brasileiro de ficção científica, fantasia e horror, a segunda edição do Prêmio Tapirái. A primeira, realizada no ano passado, a despeito das dificuldades, foi coroada de êxito.

Só para lembrar, o prêmio tem por objetivo levantar, premiar e reconhecer - através dos votos dos leitores do fanzine - os melhores, os que mais se destacaram no ano anterior na esfera dos fãs, por meio dos trabalhos publicados nos fanzines e publicações independentes.

Neste ano, o evento traz algumas modificações que visam aprimorá-lo e levá-lo mais de encontro à realidade da comunidade brasileira de FC, fantasia e horror. As categorias são estas: Melhor Ficção Curta, Melhor Editor, Melhor Ilustrador e Melhor Trabalho de Não-Ficção.

A categoria "Melhor Conto" passa a ser de "Ficção Curta" em vista de que várias noveletas foram publicadas. A categoria "Melhor Editor" mantém-se com a novidade de que o editor da publicação que promove o evento, fica impedido de participar. A maior modificação, contudo, é o fim da categoria "Melhor Resenhador", que é substituída por "Melhor Trabalho de Não-Ficção". Esta mudança atende à crescente demanda em quantidade e qualidade dos artigos, ensaios que se integram às resenhas numa única categoria, abrangendo de forma mais cabal o conjunto da atividade e produção do fandom brasileiro.

Atenção para os critérios de votação:

- \* Segue em anexo, a ficha de votação. Se possível, vote em todas as categorias e nos cinco de sua preferência. Caso isso não seja possível, cada categoria votada deve ter no mínimo três votos consecutivos (não podem ser alternados).
- \* Se você estiver concorrendo com algum trabalho em uma ou mais categorias fica vedado o voto em seus próprios trabalhos. Se o fizer não contará pontos.
- \* O critério de votação é o seguinte: 1º Lugar, 6 pontos; 2º Lugar, 4 pontos; 3º Lugar, 3 pontos; 4º Lugar, 2 pontos e 5º Lugar, 1 ponto.
- \* Os resultados serão divulgados por este fanzine na próxima edição. Os vencedores receberão um certificado simbolizando a conquista. E este certificado será entregue numa cerimônia comemorativa a ser marcada.

Duas observações:

- 1ª - Os trabalhos concorrem levando em consideração a época em que realmente foram publicados, e não à data em que deveria ser publicado.
- 2ª - O Tapirái refere-se a trabalhos de brasileiros. Estrangeiros que colaborem com fanzines nacionais não estão concorrendo.

## = MELHOR EDITOR

- Alexandre Pereira dos Santos (Informativo Perry Rhodan)
- Álvaro Ricardo de Souza Júnior (Publicações SAST).
- André Luís Guerra (Trekker Report).
- Anna Creuza (A Abadia).
- Cristina Nastasi (Jornada nas Estrelas: Terminal de Comunicações).
- Gilberto Schoederer (Gazz).
- Ivo Luiz Heinz (Warp 9).
- Jeferson Gondim (Gazz).
- Lucio Manfredi (Somnium).
- Luís A. Navarro (Diário de Bordo)
- Miguel Carqueija (A Volta dos Dinossauros).
- Paolo Fabrizio Pugno (Warp 9).
- Renato Rosatti (Megalon, Vortex).
- R.C. Nascimento (Informativo CLFC, Somnium).
- Roberto de Sousa Causo (Papera Uirandé).
- Ruby Felisbino Medeiros (Notícias do Fim do... Nada).
- Shirley Santos (TrekkerBiografia).
- Suzana Lopes de Alexandria (TrekkerCultura).
- Fernanda S. da Cruz (TrekkerGramá).

ATENÇÃO: DATA FINAL PARA ENTREGA DOS VOTOS - 3 DE ABRIL



= MELHOR ILUSTRADOR

- Celso Nascimento (Jornada nas Estrelas: Terminal de Comunicações).
- Cesar R.T. Silva (Megalon, Somnium, Vortex).
- Douglas Camillo dos Reis (Diário de Bordo).
- Daniel Pereira dos Santos (Informativo Perry Rhodan).
- Erasmo Zacharias (A Abadia).
- Gastão Moretti (Somnium).
- Gilberto Camargo (Trekker Report).
- Gilberto Schoereder (Papêra Uirandê).
- Giorgio (Somnium).
- Guilherme Briggs (Jornada nas Estrelas: Terminal de Comunicações).
- Hiro (Somnium).
- Igarashi (A Abadia).
- José Carlos Neves (Megalon, Somnium, Vortex).
- Kleber Inácio Luz (Somnium).
- Leonardo Bussadori (... E No Próximo Episódio..., Diário de Bordo, Warp 9).
- Lincoln Pires (Jornada nas Estrelas: Terminal de Comunicações).
- Luiz Zatar (Megalon).
- Marcelo Kimura (Trekker Report).
- Miguel Carqueija (A Volta dos Dinossauros).
- Roberto de Sousa Causo (Megalon, Papêra Uirandê, Somnium).
- Roberto Schima (Notícias do Fim do... Nada, Megalon, Somnium, Vortex).
- Sergioval Bruno Victor de Lima (Somnium).
- Sherry Veltkamp (A Abadia).
- Zeo (Megalon, Somnium).
- Alexandre Ramos Mastrella (Jornada nas Estrelas: Terminal de Comunicações).
- Maurício Tavares (Megalon).

= MELHOR TRABALHO DE NÃO-FICÇÃO

- Alexandre Pereira dos Santos (Informativo Perry Rhodan).
- Álvaro Ricardo de Souza Júnior (Publicações SAST).
- André Carneiro (Somnium).
- André Luís Guerra (Trekker Report).
- Anna Luisa Araújo (Jornada nas Estrelas: Terminal de Comunicações).
- Bráulio Tavares (Papêra Uirandê, Somnium).
- Cesar Augusto Othero Tiozzi (Warp 9).
- Cesar R.T. Silva (Megalon, Papêra Uirandê).
- Christine Córdula (Jornada nas Estrelas: Terminal de Comunicações).
- Christiano Nunes (Somnium).
- Clara A.A. Giron (Somnium).
- Cláudia Freitas (Jornada nas Estrelas: Terminal de Comunicações).
- Cristina Nastasi (Jornada nas Estrelas: Terminal de Comunicações).
- David J. Piraino (Jornada nas Estrelas: Terminal de Comunicações).
- Decio One (Megalon).
- Ederli Fortunato (Diário de Bordo).
- Fábio Fernandes (Somnium).
- Fátima Botelho (Jornada nas Estrelas: Terminal de Comunicações).
- Fernanda S. da Cruz (TrekkerGrama).
- Fernando Maffia (Trekker Report).
- Fernando Quadros Gouveia (Papêra Uirandê).
- Finisia Fideli (Papêra Uirandê, Somnium).
- Gerson Lodi-Ribeiro (Megalon, Papêra Uirandê, Somnium).
- Gilberto Schoereder (Gazz, Megalon, Somnium, Vortex).
- Gustavo Gontijo (Jornada nas Estrelas: Terminal de Comunicações).
- Henrique Flory (Megalon).
- Hiro Kozaka Cavalcanti (Somnium).
- Ivo Luiz Heinz (Megalon, Somnium, Warp 9).
- Jane Terezinha Mondello de Sousa (Somnium).
- José dos Santos Fernandes (Somnium).
- José Carlos Neves (Megalon, Papêra Uirandê).
- Jorge Luiz Calife (Megalon, Vortex).
- Julio Aires Monte Maia (Trekker Report).
- Leonardo Bussadori (Warp 9).
- Lucio Manfredi (Somnium).
- Luís A. Navarro (Diário de Bordo, Somnium).
- Luís Saulo Adami (... E No Próximo Episódio...).
- Luiz Zatar (Megalon).

- Marcus do Rio Teixeira (Somnium).
- Miguel Carqueija (Megalon).
- Paolo Fabrizio Pugno (...E No Próximo Episódio..., Megalon, Warp 9).
- Paulo Americo Maffia (Trekker Report).
- Paulo Pandjarian (Diário de Bordo).
- Renato Rosatti (Megalon, Vortex).
- Roberto de Sousa Causo (Papêra Uirandê, Somnium, Vortex).
- R.C. Nascimento (Jornada nas Estrelas: Terminal de Comunicações, Megalon, Somnium).
- Roberto Schima (Papêra Uirandê).
- Ronaldo Fernandes (Somnium).
- Roger Techima (Megalon).
- Ruby Felisbino Medeiros (Informativo Perry Rhodan, Notícias do Fim do... Nada).
- Sergioval Bruno Victor de Lima (Informativo Perry Rhodan).
- Shirley Santos (TrekkerBiografia).
- Suzana Lopes de Alexandria (TrekkerCultura).

#### = MELHOR FICÇÃO CURTA

- "Meia Palavra Basta", A.B. Maciel (Somnium 54).
- "Vamos Dançar", Alexandre Nicoletti Camargo (Somnium 55).
- "Uma Situação Difícil", Alexandre Pereira dos Santos (Informativo Perry Rhodan 5).
- "Um Tiro no Escuro", Alexandre Pereira dos Santos (Informativo Perry Rhodan 6).
- "Que tal Ferver um Pouco de Água para Fazer um Chá Gelado", Alvaro Domingues (Somnium 56).
- "As Etapas do Tempo", Argos Arruda Pinto (Megalon 22).
- "O Inverno e o Abrigo", Argos Arruda Pinto (Megalon 19).
- "O Esticamento Temporal", Alysso Fábio Ferrari (Vortex 6).
- "Às Onze Horas Lá no Bar", Alexandre Pereira dos Santos (Informativo Perry Rhodan 4).
- "Beirada", Carlos Orsi Martinho (Vortex 5).
- "Paula", Carlos Orsi Martinho (Megalon 21).
- "Pequeno Novelo de Histórias", Carlos Orsi Martinho (Somnium 56).
- "Tráfego", Cesar R.T. Silva (Megalon 20).
- "Aconteceu em 2092?", Decio One (Megalon 20).
- "Os Ets da Baixada Santista", Decio One (Megalon 23).
- "Exercícios de Silêncio", Finísia Fideli (Megalon 21).
- "Rendição do Serviço de Guarda", Gerson Lodi-Ribeiro (Megalon 22).
- "Todo o Silício do Mundo", Gerson Lodi-Ribeiro (Vortex 6).
- "Aids' Nós", José Carlos Neves (Megalon 23).
- "Cambigú", José Carlos Neves (Megalon 19).
- "O Caçador de Sombras", José Carlos Neves (Vortex 5).
- "Achados e Perdidos", Jorge Luiz Calife (Vortex 4).
- "Centauri", Jorge Luiz Calife (Megalon 21).
- "Amor que seja Eterno enquanto Dure", Ivan Carlos Regina (Somnium 54).
- "O Tempo é um Carrasco Impiedoso", Ivan Carlos Regina (Megalon 19).
- "A Névoa do Deserto", Luiz Zatar (Megalon 20).
- "Árvores de Luxo", Miguel Carqueija (Megalon 19).
- "Complexo de Calvin", Miguel Carqueija (Megalon 19).
- "O Homem à Prova de Balas", Miguel Carqueija (Megalon 22).
- "Zuumpxt", Norton Coll (Somnium 54).
- "Uma Questão de Ponto de Vista", Paulo Roberto Elache Ribeiro Duarte (Somnium 54).
- "Capacetes Azuis, Verdes e Amarelos", Roberto de Sousa Causo (Megalon 20).
- "O Bêbado de Pancada", Roberto de Sousa Causo (Megalon 23).
- "Menos que um Balão na Tarde Vazia", Roberto Schima (Megalon 23).
- "A Ciência Fala", Miguel Carqueija (A Volta dos Dinossauros).
- "O Mundo Aquático", Miguel Carqueija (A Volta dos Dinossauros).
- "O Ator e o Presidente", Miguel Carqueija (A Volta dos Dinossauros).
- A Abadia, Anna Creuza.



## Cesar R.T. Silva



O nosso entrevistado nesta edição nem precisa de muitas apresentações. CESAR RICARDO TOMAS DA SILVA é um dos mais antigos, ativos e influentes membros do fandom brasileiro desde seu surgimento. Editor do clássico fanzine Hiperespaço, ilustrador, contista, articulista, organizador de eventos, é difícil quantificar a quantidade de atividades em que ele participou para a consolidação da comunidade de fãs de FC no Brasil. A seguir ele fala de sua nova atuação, a Sociedade Brasileira de Arte Fantástica e faz um balanço do momento atual do fandom e dos dez anos que ele completa este ano. Entrevista cedida a MARCELLO SIMÃO BRANCO.

**MEGALON** - Vamos direto ao ponto: nos fale a respeito da Sociedade Brasileira de Arte Fantástica. A razão de sua criação, o porque desse nome, seus objetivos principais.

**CESAR R.T. SILVA** - Um grupo de fãs de FC, motivados pela ebulição de projetos e idéias, resolveram amarrar tudo num única proposta que permitisse a articulação racional desses projetos com vistas a otimização de resultados. Também se imaginou uma série de vantagens possíveis se existisse um organismo dedicado à articulação de eventos, workshops e reuniões e que desse verdadeiro apoio à publicações amadoras. Daí surgiu a SBAF. Seu significado foi discutido muito quando se escolheu o nome. Sociedade diz que o grupo não é somente um Clube e nem chega ao comprometimento político de uma associação. É um grupo de artistas práticos, que querem ver prosperar as atividades orientando aqueles que se interessarem por isso. Arte Fantástica determina a ampla abrangência de interesses como FC, fantasia e horror, seja literária, quadrinhística, ilustrativa, cinematográfica ou até de ordem diversa, como modelismo e vídeo. E a Brasileira não é somente por estar no Brasil, mas porque nosso desejo é que os associados tenham uma orientação racional de seus enfoques, adotando as imagens brasileiras como elemento básico de suas obras. A SBAF é, portanto, um grupo artístico-cultural criado com o objetivo principal de fomentar a arte fantástica brasileira.

**MEGALON** - A criação da SBAF é um efeito esperado dentro da realidade histórica do fandom nacional ou foi precipitada por uma situação conjuntural desfavorável desse mesmo fandom no ano passado?

**CESAR** - Eu, por minha parte, sempre tive a idéia de que mais cedo ou mais tarde haveria de surgir um grupo de artistas que criassem seu próprio meio associativo. Quando, há dez anos, criei o Hiperespaço com meus amigos Neves e Dimov, não existia fandom. Ele foi se formando na medida que o fanzine progrediu e por volta de 1985 já existia um leve esboço, com o Antares, o Esquadrão Ford, e fanzines

diversos como Space, Millenium, Magazine de FC, até a fundação do CLFC, que trouxe o primeiro grupo organizado com motivações de aglutinação do fandom. Esse fandom reunia fãs colecionadores, quadinhistas, cinéfilos, leitores, escultores, modelistas, ilustradores, articulistas, ou seja, estavam todos no mesmo barco, porque o barco era muito espaçoso. Hoje todos os espaços foram ocupados, mas há interesses muito específicos que ficaram subjulgados pela motivação geral, qual seja, reunir a famosa "massa de manobra". Bem, esses interesses não podem continuar represados, e por isso era natural o surgimento de grupos específicos, como a Frota Estelar, e agora a SBAF. O mau desempenho do fandom como um todo em 92 talvez tenha precipitado ânimos, mas essa setorização era inevitável e deve ser muito positiva para o estabelecimento de um fandom plural. Devemos esperar novas subdivisões em breve, tornando o organismo cada vez mais complexo.

**MEGALON** - Muitos argumentam que por sermos poucos - e frágeis - deveríamos estar unidos em torno de um núcleo central de coordenação de atividades. Esse núcleo central já existe o Clube de Leitores de Ficção Científica - responsável maior pelo crescimento do gênero no Brasil nos anos 80. Por que, então, formar uma nova associação? E em que medida ela antes somará do que dividirá esforços?

**CESAR** - Acho que a resposta anterior também responde esta questão. Um único organismo não conseguiria centralizar todas as atividades. A própria estrutura do CLFC não suporta a quantidade de propostas e atividades de seus associados e por elas não pode se responsabilizar. Isso já vinha acontecendo com uma série de eventos, e até eu caracterizaria o surgimento do MEGALON como a primeira grande divisão do fandom, quando criou uma polarização de propostas com o Somnium, o veículo oficial do CLFC. Teria sido melhor se, ao invés de fazer o MEGALON, o editor tivesse se dedicado exclusivamente ao Somnium? Temos aqui a interessante imagem de uma célula que vai se dividindo sucessivamente até tornar-

se num ser humano. É o que ocorre agora com o fandom. Divide-se e, desse modo, cresce. Se não se dividisse, aí sim, iria enfraquecer-se.

MEGALON - Os idealizadores da SBAF deixam claro que esta associação não pretende ser um clube e nem funcionar como tal. Me diga, então, como se estrutura esta sociedade e como ela atuará na prática.

CESAR - A SBAF vai se lançar com a organização do Prêmio Nova, o auxílio à publicações, como fanzines, e a organização de uma grande convenção de FC em São Paulo como treinamento para a ConSur em 1994. Também temos o interesse de agrupar os quadrinhistas e, para isso, estamos contando a Gibiteca Municipal Henfil. Também queremos reagrupar os modelistas que se uniam em torno do Hiperespaço e que não foram adotados por outros grupos. Mas ao mesmo tempo não queremos que se vulgarize o trabalho da sociedade em certas atividades específicas obrigatórias. Então quem determinará qual atividade deve ser realizada, e quando, será o próprio sócio. Ele terá o projeto e a iniciativa, e a SBAF o auxiliará e motivará, seja qual for o seu projeto - desde que se caracterize como arte fantástica brasileira. Não delegaremos obrigações e compromissos. Cada sócio que vier fará o que quiser e, se precisar, nós o ajudaremos. Não há, no momento, nenhum outro grupo no Brasil disposto a realizar esse tipo de trabalho e que, simultaneamente, tenha nossa vivência no meio. Ou seja, ou nós fazemos ou ninguém o fará. A responsabilidade é nossa.

MEGALON - Você também é o atual responsável pela coordenação do Prêmio Nova. Nos fale um pouco da reestruturação desse prêmio. A primeira experiência foi bem sucedida? A partir do momento em que ele se populariza, não se vulgariza deixando de espelhar de forma mais criteriosa a realidade da produção de FC no Brasil?

CESAR - Não acharia que ter alguns eleitores a mais "populariza" o Nova. Mas nosso objetivo é esse mesmo. O objetivo principal do Nova é motivar e incentivar a produção de ficção científica brasileira, e a popularização do prêmio irá significar algo para aquele que recebe o prêmio: reconhecimento de maior parcela da população. Afinal, nunca foi objetivo do Nova ser um prêmio erudito. O Nova ainda não se tornou popular, mas faremos de tudo para que isso ocorra. As mudanças introduzidas na edição de 91 tiveram esse objetivo, além de tornar mais representativo o prêmio como a escolha do fandom. A realidade não é algo que possamos afirmar categoricamente. Ela é algo hoje, outra amanhã. A realidade da produção de FC no Brasil é algo ainda mais fugaz que a realidade de do todo. O Nova define apenas a opinião do fandom a respeito dessa realidade. Não será premiado sempre o "melhor" do

ponto de vista técnico-erudito, mas o melhor na opinião dos fãs. As vezes ocorrerá de ser o mesmo, mas nem sempre. Por outro lado, quanto maior for a participação popular, menor a chance de ocorrerem "lobbies" e distorções forçadas por pequenos grupos.

MEGALON - Você foi editor de um dos mais influentes fanzines da história do fandom brasileiro, o Hiperespaço. A SBAF trará como primeira grande novidade a aguardada volta do Hiper, E, se positivo, como será ele?

CESAR - Esse é um projeto meu há uns dois anos. Planejei um novo Hiperespaço, e o Neves também desenvolveu novas idéias. Estamos com tudo preparado para recomeçar. Então, porque não agora? Acho que há vários enfoques que tem sido desprezados pelo tom estóico dos fanzines atuais, e pretendo adotá-los no novo Hiper. Inspirou-me a dedicação de Renato Rosatti, em lançar um fanzine de terror, o Vortex, e sustentá-lo muito bem por já 7 edições. (foi outra divisão positiva). Mas, basicamente, manteremos o fanzine em sua proposta, comentando FC, horror e fantasia em todos os gêneros artísticos.

MEGALON - Como analisa o nível dos fanzines de FC produzidos nesses últimos anos? Que eventuais influências de seu fanzine você identifica nelles?

CESAR - Quando o Hiperespaço estava em atividade, quase todos os fanzines de FC e HQ seguiram seu padrão, inclusive os já citados Millenium e Space. Mas havia muitos mais. Os atuais fanzines de FC, como o Somnium e o MEGALON surgiram de outra vertente, pois desde o início se fixaram mais na FC literária. Mas vejo no MEGALON o interesse por artigos sobre cinema, bem como no Vortex, e isso deve ser uma influência do Hiperespaço. Também a presença eventual de HQs no MEGALON e no Somnium, foram em várias vezes influências diretas não do Hiper, mas de mim próprio. Porém tais trabalhos acabaram não tendo, em seu conteúdo, a mesma receptividade que tinham no Hiperespaço. O Boletim Antares sofreu alterações muito boas por influência da linguagem gráfica do Hiperespaço, chegou mesmo a copiar uma capa nossa. Senti-me honrado. No seu último ano o Hiperespaço adotou o formato meio-ofício, que hoje é o formato do Somnium. Sugerí isso numa reunião e, mais tarde, a idéia vingou e tornou o Somnium num formato profissional e muito elegante. O nível dos fanzines é, em geral, muito bom. Gosto de todos eles, mas como já disse, há áreas que não estão sendo atendidas. Isso me motivava a fazer o Hiperespaço novamente.

MEGALON - E o Cesar autor? Pretende continuar escrevendo? Nesta condição opine sobre o "Movimento Antropofágico da FC Brasileira".

CESAR - Meus trabalhos estão engavetados, principalmente textos. O MEGALON dispõe de alguns inéditos, bem como ilustrações, não muitas confesso. Ocorre que reduzi muito minhas atividades na área de criação nos últimos anos, para me dedicar à profissão de artista gráfico publicitário, o que faço há muitos anos. Agora sinto-me disposto a retomar a atividade, e já tenho vários projetos. Aproveitei esse período para

reforçar meu arcabouço literário, tanto que esgotei toda a minha coleção. O Movimento Antropofágico veio a cristalizar um ideal que eu já tinha, mas que não sabia como exteriorizar. Gosto das propostas e tenho muito apreço pelas obras realizadas dentro do movimento. Ainda não consegui fazer uma obra tipicamente antropofágica, mas em cada uma que fiz a minha visão terceiro mundista e latina de um futuro provável ou desejável ou improvável ou indesejável. Eu já era um antropofagista antes mesmo de saber.

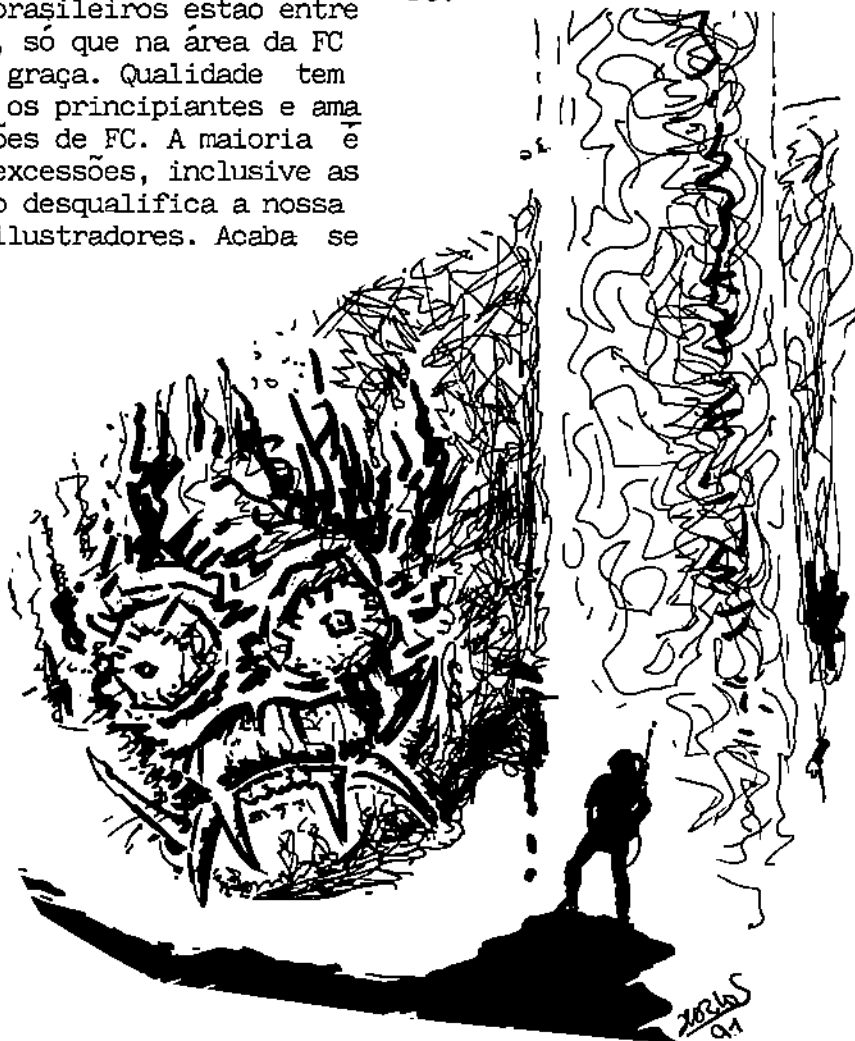
**MEGALON** - Você não tem aparecido com frequência de antigamente com ilustrações nos fanzines. Parou de desenhar? Como analisa a qualidade dos ilustradores brasileiros de FC?

**CESAR** - Apesar de não estar desenhando FC, eu voluí muito na arte, uma vez que é minha profissão. Hoje desenho mais rápido e melhor, só que não tenho executado ilustrações para FC. Mas, assim como nos textos, vou retomar a atividade. Ainda há diversos desenhos meus inéditos, por isso não me apresso em fazê-los. Mas se alguém quiser encomendar, fique à vontade. Certos desencontros no passado me desmotivaram a colaborar em quantidade com os fanzines, mas aceito colaborar se for especificado pelo editor onde a ilustração será usada. De certo modo há um desrespeito passivo ao artista em não informar se os desenhos serão ou não usados e quando, e isso obriga o autor a ser exclusivo sem que para isso seja ao menos informado. Algo precisa mudar nesse campo. Não falo de haver pagamento, mas apenas de algum interesse e satisfação para com o artista. Os ilustradores brasileiros estão entre os melhores do mundo, só que na área da FC tem que trabalhar de graça. Qualidade tem preço. Então somente os principiantes e amadores fazem ilustrações de FC. A maioria é ruim, são poucas as exceções, inclusive as capas de livros. Isso desqualifica a nossa FC e o trabalho dos ilustradores. Acaba se

pensando que só há desenhistas daquele nível. O mesmo ocorre na HQ, quando os desenhistas adquirem qualidade, fogem para as publicações estrangeiras e para a publicidade. Agora imagine: trabalhar de graça, quase implorando por ser publicado, ser destrutado e ainda ter que ser bom? Bem, acho que é pedir demais. Mesmo bons artistas acabam fazendo coisas medíocres nesse esquema, por pura desmotivação. Na SBAF tentaremos romper esse círculo vicioso, motivando ilustradores e quadrinistas.

**MEGALON** - Neste ano o fandom brasileiro completa uma década. Você, que acompanhou estes dez anos, trace um quadro geral dos altos e baixos desse movimento.

**CESAR** - A gente costuma esquecer os maus momentos e recordar só dos bons. Então, olhando assim de repente, só vejo os altos. Tenho boas recordações, fiz muitos amigos, vi vários fãs começarem no Hiperespaço e chegarem ao profissionalismo. Lembro-me do Nova que premiou o Hiper em 88 como melhor fanzine, das mostras e convenções, das discussões teóricas e fanáticas, e tudo mais. As visitas de Pohl, Card, Dish, Damon Knight, Kate Wilhelm, Charles Brown... coisas boas prá lembrar. As palestras de Carneiro e Scavone, a IAM, e até uma série mutante de Hiperespaço, a carioca Hiperespaço - The Next Generation, que lançou os fanzines na era da informática. A volta da coleção GRD, os livros da Zenith; bem foram bons anos, não há como negar. Mas são anos passados e o futuro a nós pertence. Fico pensando nos próximos anos e em como podemos fazer tudo isso ser um pequeno detalhe da pré-história do fandom e da moderna FC brasileira. Felicidades a todos nós em 93 e no futuro.



Talento promissor em nossa FC, Martinho vendeu duas histórias à extinta Isaac Asimov Magazine - e pelo menos uma foi publicada, "Aprendizado" no número 24. Depois de nos apresentar "Paula" no MEGALON 21, agora ele retorna com uma fantasia estranha, intensa e ambiciosa situada no ontem, no hoje e no amanhã das verdades não enfrentadas por nós pobres mortais...

# O ASSASSINO

por CARLOS ORSI MARTINHO

## PARTE I - PEÇAS NO TABULEIRO

### 1. Retribuição

JVAQ PYOT, TAMBÉM CHAMADO Dragh, ou o Traidor, caminhava em meio à nevasca como se o frio não fosse seu inimigo mortal.

E, na verdade, não era.

A violência da tempestade não abalava o ritmo sereno dos passos de Jvaq, nem a escuridão ao seu redor parecia atormentá-lo. Pyot vestia apenas o couro curtido de algum grande felino, mas sua atitude para com o frio não era de afronta ou de desrespeito - caso em que os Demônios com certeza se veriam obrigados a puni-lo - e, sim, de familiaridade... amizade, até. Por isso ele era o Dragh - traidor, vampiro, inimigo, inumano -: Pyot se aliara aos adversários ancestrais e últimos de toda a sua espécie.

Os passos decididos de Jvaq levaram-no até uma ponta, uma rocha que como que flutuava à beira do abismo. Outro homem teria sido arremessado pelo vento borda afora, até o chão duro e gelado, até a morte. Mas o vento era condescendente com Pyot.

Jvaq olhou profundamente na treva ao seu redor e murmurou:

- Aqui estou.

A tempestade deixou de cair como por encanto. O frio agora exalava do ar estagnado, e a escuridão, não mais cortada pelos fachos brilhantes dos flocos de neve, era absoluta. O abismo diante de Pyot era infinito.

A escuridão respondeu:

- Chamamos você aqui porque temos uma notícia importante... uma trégua foi celebrada: a humanidade sobreviverá, os Demônios irão adormecer.

O Traidor franziu o cenho, coçando a sovrancelha cristalizada pela temperatura.

- Acabou a guerra? Vocês estão se retirando?

- Acabou. Por ora.

Silêncio, escuridão e frio se combinaram então, criando um vácuo insuportável. Pyot falou:

- Não posso voltar para meu povo...

A treva riu um riso baixinho, e a rocha que se interpunha entre Jvaq e o abismo oscilou.

- Que povo, criatura sem irmãos? - o vácuo troçava de Pyot. - Você não é um Demônio, e tampouco é mais humano... Mas não se preocupe; seu destino já foi traçado.

- Ah, sim? - de repente, o frio parecia incomodá-lo.

- Uma das cláusulas do tratado com os humanos... seus semelhantes não o apreciam muito, Jvaq; exigiram que você fosse amaldiçoado.

- Os Demônios me prometeram uma bênção. Trai e abandonei minha espécie por um privilégio. Agora vocês acenam com uma maldição? - não havia ira ou indignação na voz de Dragh, apenas cansaço. Um cansaço tão antigo quanto a guerra que se interrompia.

- Creio que podemos agradar a ambos os lados nesse ponto em particular - disse a escuridão, sorrindo. - Agora, parta; a audiência está encerrada.

Jvaq deu as costas ao abismo e caminhou pela colina gelada, até desaparecer no denso nevoeiro que se formava.

### 2. Solidão

Foi nos Andes que João Carlos, historiador recém-formado, viu pela primeira vez a Via-Láctea.

Ele já havia vislumbrado estrelas antes, claro, mas sempre na cidade, em meio a luzes artificiais muito próximas, impuras. Ali, entre as maiores montanhas do continente, apenas ali, na escuridão total, João Carlos enxergava o rastro leitoso - a galáxia vasta e inacreditável.

Não havia como saber disso, mas, enquanto João Carlos olhava profundamente no âmago da galáxia, a galáxia também olhava profundamente no âmago do jovem historiador. Essa troca de intimidades viria a ser muito importante dali a alguns anos - quando a guerra recomeçasse.

Naquele instante, no entanto, Pesquisador não estava interessado em nenhum ser humano em especial. Seu portal apenas vagueava pelos céus da Terra, uma elipse de fogo e prata que talvez fosse avistada por algum piloto de aeronave, dando início àquelas costumeiras, estereotipadas, investigações de praxe. O portal registrou os dados de João Carlos apenas por distração, como também registrou as leituras de milhares de outras pessoas - um acidente, um ponto estatístico, apenas.

O historiador, por sua vez, não reparou no OVNI. As estrelas e a neve da montanha consumiram toda sua atenção. Algumas lembranças lhe

ocorriam, aleatórias: os amigos dos tempos de faculdade, os professores, a academia agora tão distante; ele estava feliz com a formatura, claro, mas havia um componente de saudosismo - de melancolia - nessa felicidade. Era essa melancolia, raciocinou, que o levava a caminhar só pelos Andes. Ele precisava se acostumar à idéia de estar sozinho.

O Pesquisador também estava sozinho; sua câmara de observação não era ergonomicamente projetada para um só corpo, e embora sua consciência não detivesse tudo que o portal transmitia, a sonda de inconsciente se encarregava de registrar e decuplar cada imagem, gesto e pensamento. Há tempos sabia-se que o inconsciente humano era o sensor mais acurado disponível, ao menos no Universo conhecido; a dificuldade estivera, sempre, em encontrar uma forma de decodificá-lo e registrá-lo.

Pesquisador também sentia-se melancólico. Era triste, pensava, imaginar que a luta pudesse voltar a ser travada na Terra, ainda mais depois de tantos milhares de anos, ainda mais depois da trégua tão duramente negociada. Mas os constantes aumentos de temperatura do planeta, registrados por vários pesquisadores ao longo das últimas décadas, não deixavam margem para qualquer outro tipo de explicação. Num instante Pesquisador sorriu, lembrando-se das batalhas da glaciação, quando homens e deuses lutavam ombro a ombro, quando os Demônios foram rechaçados e a trégua celebrada.

"A gente se esqueceu de que aquilo era apenas uma trégua, não uma paz definitiva", considerou.

A humanidade podia ter-se esquecido. Os Demônios, não.

### 3. Drake

Jacques-Pierre Drake, VII, só era o sétimo porque sua família se estabelecera definitivamente há apenas sete gerações. Na verdade, muitos outros Jacques-Pierre Drake haviam-no precedido pela ascendência paterna - e muitos outros haveriam, ainda, de sucedê-lo. Ou não?

Levantando-se subitamente de sua mesa, num escritório do sexagésimo andar do Drake Plaza, em Nova York, Jacques caminhou até a janela - um vidro amplo, imperceptivelmente recurvado (para acompanhar a circunferência do prédio), opaco pelo lado de fora, límpido como cristal pelo lado de dentro.

Olhando pelo vidro, Pierre viu o calor. Viu a luz branca, amarelada, chocar-se com o asfalto; viu as emanações infravermelhas dispersarem-se na atmosfera.

Viu a humanidade suando, mais e mais.

Tomado por uma súbita sensação de urgência, Drake falou com sua secretária, ordenou-lhe que desmarcasse todos os seus compromissos da semana e, organizando uma série de estranhas peças de decoração do escritório numa maleta, partiu para nunca mais

ser visto - ao menos no mundo dos homens de negócios.

### 4. Contato Imediato

José Maria Alves, o popular Zé Alves do Disco Voador, estava feliz - a palestra havia impressionado bastante o grupo de velhinhas; era provável que muitas delas se matriculassem no curso de férias sobre Gnose Mística e Macrobiótica.

Zé Alves às vezes pensava em seu bisavô, o pobre velho louco que, atendendo a "ordens do além", fundara a Sociedade Pesquisador - sem jamais imaginar que sua obra acabaria por garantir o sustento de todas as gerações subsequentes da família.

Não que tudo fossem maravilhas, claro. A rotina de viajar pelo interior do país, proferindo palestras em bibliotecas públicas, clubes de senhoras cristãs, reuniões de idosas rotarianas, era, às vezes, bastante exaustiva e maçante. O velho termo de costuras puídas incomodava, ainda mais no calor, mas, no final o dinheiro era bom e - Alves riu-se consigo mesmo - algumas das idosas rotarianas não eram tão idosas assim.

Se alguém perguntasse a Zé Alves se ele realmente acreditava no conteúdo de seus cursos e palestras, ele responderia, a princípio, que sim; caso se exigisse (e se pudesse obter) absoluta sinceridade, a resposta seria o silêncio. Na verdade, Zé Alves não dispunha de convicção alguma, de fé alguma. Para si mesmo, José era apenas um homem bem-falante tentando ganhar a vida. Não fosse a Sociedade Pesquisador, José Alves seria, talvez, um advogado de porta de cadeia, vendedor de enciclopédias ou vereador.

Dez anos depois da viagem de João Carlos aos Andes, o amuleto de Zé Alves - forjado em bronze pelo bisavô - fundador - começou a brilhar. A princípio era um brilho dourado, como a luz natural do bronze, mas depois ficou azul, depois branco. No início Alves nada percebeu (o amuleto era usado de encontro à pele sobre o peito, estando, portanto, escondido sob a camisa), mas passado algum tempo o Zé do Disco Voador começou a sentir a luz. Não que aquilo queimasse, nada disso. Ele apenas sentiu - e então teve medo.

Aquilo pegou Alves no meio de uma interessante explanação sobre os efeitos afrodisíacos de certas ervas tibetanas. De repente, José teve consciência da luz, e sentiu-se vítima de um súbito acesso de claustrofobia. Ele apenas tinha de sair dali. Pedindo desculpas à plateia, Alves deixou o auditório, desceu correndo as escadas em caracol e saiu ao ar livre.

Era noite, numa pequena cidade de Minas Gerais, vagamente próxima a Três Corações. O céu estava límpido, e Alves viu o portal do Pesquisador se aproximando. A luz em seu peito o impediu de fugir ou gritar.

Naquela noite o disco voador levou Zé Alves

1. Convocação

- Ei, aonde é que você está indo?!

João Carlos pensou em se voltar para responder, mas por algum motivo o esforço lhe pareceu grande demais e, além disso, desnecessário. Cristina ficou sozinha, emburrada, no sleeper - por um instante ela pensou em perseguir o namorado, mas a noite estava muito fria. A garota resmungou alguma coisa, voltando-se de costas para o solo, passando a observar a noite muito estrelada.

São Tomé das Letras é uma cidade pequena e misteriosa. Um lugar abissal, atentamente vigiado por uma estranha pirâmide e percorrido por túneis e cavernas milenares. Existem muitas lendas sobre as masmorras que corram o subsolo da cidade, e sobre o estranho povo que as escavou. A administração municipal capitaliza o mito, transformando-o em arapuca para turistas - mas, apesar da banalização comercial, um sentimento de desconhecido ainda paira, intocado, no ar.

Ao se afastar do calor do sleeper e do corpo de Cristina, João Carlos se pergunta qual motivo o levava a viajar exatamente para aquela cidade, e exatamente naquelas condições - um acampamento, como nos tempos de estudante. Não que houvesse motivos para queixas: Cristina adorara o lugar, principalmente o clima de "aventura" do acampamento.

De qualquer forma, João ainda sentia que a idéia de estar ali não era natural. Como também não era natural, aliás, aquele seu inesperado passeio noturno.

- Qual o problema, rapaz?

O tom de voz e a palavra rapaz deixaram João subitamente alerta; era o tipo de coisa que se poderia esperar de um dos milhares de gurus de araque que, juntamente com as pedreiras, poluem o clima autenticamente místico da cidade.

O historiador ergueu os olhos com lentidão, numa atitude defensiva, e topou com uma figura inesperada - um homem de meia-idade, vestindo um terno bastante grosso e puído nas costuras. O homem tinha mais jeito de vendedor de enciclopédia do que de guia espiritual, João pensou.

A atitude do estranho era bastante plácida, mas mudou completamente quando finalmente conseguiu ver o rosto de João por inteiro. Com um grito de triunfo, o homem de terno saltou sobre João, agarrando-o com uma força surpreendente. João Carlos lutava para se libertar, enquanto o desconhecido berrava:

- É ele! Achei! É ele! Porra, dá pra alguém...

A primeira pessoa a ver o portal foi, talvez, Cristina, que a essa altura ainda olhava para o céu. A elipse desceu até quase a altura do solo, fez uma curva assustadora de noventa graus e se chocou com os dois homens em luta. Com uma explosão luminosa - que entrou pra história de São Tomé - o portal, João Carlos e o homem de terno desapare-

2. As doze tocas do leão

Filosófico, entre as bolhas de ar que subiam, vertiginosamente, de seu aqualung, Jacques Drake contempalva o infinito azul-esverdeado do mar das Bermudas. Ali, pouco mais de uma dezena de metros abaixo, estava a sétima toca do leão, o sétimo esconderijo dos deuses. Alguns tubarões serpenteavam ao redor de Jacques-Pierre; eram crianças fazendo festa ao irmão mais velho.

Embora embevecido pelo cenário, Drake logo recobrou a consciência do que deveria fazer, do que o esperava ali. Despachando os grandes carnívoros com um gesto carinhoso, Jacques prontamente embicou o corpo na direção dos destroços que jaziam rentes ao solo submarino, e, batendo vigorosamente os pés, aproximou-se da milenar embarcação.

O Serpente do Mar foi o primeiro navio a desaparecer no Triângulo das Bermudas; sua tripulação maia havia sido encarrecada de levar uma carga amaldiçoada para além do oceano, para fora do mundo dos maias. Setecentos naos antes da primeira caravela, o Serpente do Mar foi a pique, e sua maldição se fez absorver pelas águas ao seu redor.

Drake sabia, intuitivamente, de toda essa história. Mas do que isso, ele conhecia, sem nunca ter visto, o objeto que os maias buscaram retirar do mundo.

O objeto que ele, Jacques-Pierre Drake, estava indo buscar.

O Triângulo das Bermudas era a sétima toca do leão. O sétimo dos doze esconderijos onde deuses e demônios haviam, em tempos imemoriais, deixado seus presentes para a jovem humanidade.

Nos seis primeiros esconderijos - uma badia na Escócia, um vilarejo nas estepes russas, uma pirâmide soterrada na selva Amazônica, um templo helênico na Turquia, uma tumba no Eufrates, o subsolo do Empire State Building - Drake tivera de lidar com razoável oposição humana: iniciados, esotéricos, maçons e rosacruzistas, autoproclamados guardiões da Sabedoria Perene. Ali, no entanto - sob as águas, num navio que já deveria ter apodrecido por completo há séculos - não havia guardiões. A sétima parte tomava conta de si mesma.

E a sétima parte queria ser encontrada por Drake.

E Drake a encontrou.

Aquilo brilhava com uma luz negra, uma luminosidade nauseabunda, uma radiante escuridão.

Havia ranhuras acima, abaixo e dos lados, oferecendo encaixe às partes quatro, seis, oito e dez. Ao pensar nisso, Drake sorriu: um sete cercado por números pares.

Os malditos, pensou, os malditos deuses. Não deixam nada ao acaso.



### 3. Apresentações

João Carlos recobrou os sentidos num lugar estranho.

Esse foi seu pensamento: estou num lugar estranho.

Seus instintos estavam divididos - parte lhe dizia que ainda era São Tomé, parte lhe dava uma enorme sensação de distância - universos de distância. Sua consciência, a razão tão duramente treinada numa vida inteira, ficou à espreita, indecisa, aguardando.

Aguardando o quê?

Seu primeiro pensamento foi para Cristina, o segundo foi algo indefinido. O terceiro o fez olhar ao redor.

Ele estava no centro de alguma espécie de arena, um tablado circular, metálico, espelhado. Havia outro João Carlos aturdido, de cabeça para baixo, com as plantas dos pés coladas nos pés de João. As bordas da arena eram difusas; desapareceriam numa cortina de luz.

Deveria ser uma luz ofuscante, pensou.

Mas não era. Muito intensa, difusa, no entanto estranhamente sólida. Apenas bloqueava a visão do que havia além, não atrapalhando a observação da área da arena.

Através da luz veio o homem de terno. João Carlos olhou-o surpreso, indeciso. Tentou dizer alguma coisa.

- Meu nome é José, as pessoas me chamam de Zé Alves. Desculpe-me por isso, rapaz - disse o homem. - Mas quando eles perceberam que eu não tinha jeito pro emprego...

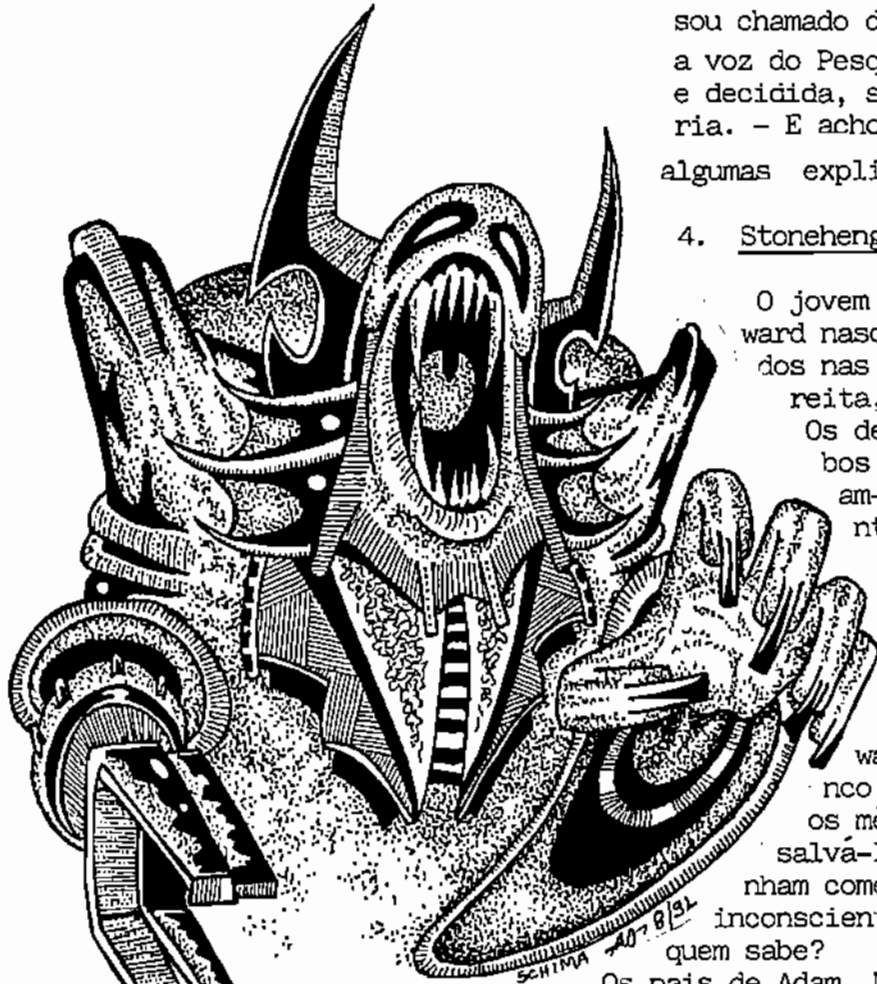
- "Eles"...?

- Nós, na verdade, João.

Uma outra figura atravessou a cortina de luz. Era um homem alto, mais alto que qualquer outro que João Carlos já tivesse visto, e perfeitamente bem-proporcionado. Os cabelos loiros lhe caíam sobre os ombros, e havia uma nobreza intimidadora em seu olhar.

A aparência ajudava, claro, mas não era exatamente o tamanho, ou a força... Mas algo subjacente, o porte, talvez, a expressão de autoconceito e confiança absoluta... Ele parecia ser, João imaginou, o verdadeiro ser humano, uma espécie de arquetipo da raça humana.

- Meu nome é Bran Pyot, mas atualmente



sou chamado de Pesquisador - a voz do Pesquisador era firme e decidida, sem ser autoritária. - E acho que você deseja algumas explicações, não?

### 4. Stonehenge

O jovem Adam Michael Seward nasceu com treze dedos nas mãos - sei na direita, sete na esquerda. Os dedos extras, em ambos os casos, pareciam-se com desdobramentos mórbidos, malformados e (pelo choro da criança) extremamente dolorosos do dedo mínimo.

Adam Michael Seward teve apenas cinco horas de vida - os médicos não puderam salvá-lo, ou talvez tenham cometido algum tipo de inconsciência de eutanásia... quem sabe?

Os pais de Adam, Michael e Irene Seward, desapareceram assim que a esposa teve alta. Ninguém estranhou o fato - que, piezosamente, sequer foi muito comentado.

Há três dias, o túmulo de Adam Michael foi violado, e seu corpo, transportado a Stonehenge por uma mulher morena de olhos verdes, muito bonita, mas de uma sensualidade estranhamente neutra. É possível apreciá-la como se aprecia a uma pintura. Nada além. Usando o nome (provavelmente falso) de Diana Silvermoon, essa mulher autoproclama-se uma bruxa, ou feiticeira.

Em Stonehenge, com o corpo já quase des-carnado da criança nos braços, Silvermoon encontrou-se com seu mestre pelo qual todos os bruxos e bruxas do planeta vêm esperando há eras.

- Trouxe a criança? - o vulto alto, rigidamente masculino, não se volta para encarar sua serva. Ele sabe que as ordens foram cumpridas, mas mesmo assim profere a pergunta com severidade.

- Sim, Dragh.

Jacques-Pierre sorriu ao ouvir o apelido, o cognome impingido (a ele mesmo? a um de seus antepassados? Nesse ponto, tudo era tão confuso... ) como marca pela maior das trações. o nome que, sozinho, significava mais que Judas, Caim, Lúcifer ou Brutus.

O nome que, por bem ou por mal, era seu.

Colocando o corpo do bebê no centro do círculo dos antigos druidas, Jacques arrancou-lhe a pequena manopla esquerda.

A operação não produziu ruído, e requereu, na verdade, muito menos força do que Drake estava preparado para usar.

Aquela era a oitava parte.

- Você sabe ler os oráculos?

Diana, absorta pela expressão do rosto do pequeno cadáver, ergueu rapidamente a cabeça. Seus olhos estavam muito abertos, e um tanto quanto assustados.

- S-sei... - balbuciou.

- Estamos no local adequado. Pergunte... pergunte a Mardru sobre o sucesso de minha missão.

- Mas... senhor... preciso de um animal... e da faca para a cerimônia.

O animal está a seus pés. A faca... tome.

Uma pedra, afilada até o ponto de corte, incrustada numa tibia cuidadosamente esculpida, deslizou para fora do sobretudo de Jacques-Pierre.

- Adaga cerimonial maia - explicou. - Deve servir.

Sem dizer mais uma palavra, Diana fixou o olhar no bosque ao redor do círculo de rochas. Proferindo uma antiga oração ao deus celta das árvores, Silvermoon abriu o ventre da criança com um acurado golpe longitudinal.

Um relâmpago caiu ao longe.

Diana Silvermoon teve seu pescoço quebrado.

- A pele de uma pitonisa - Dragh murmurou, enquanto esfolava o belo corpo. - A não na parte.

## 5. Treinamento

- ... seu próprio irmão? - perguntou João Carlos ouvira atentamente a história da Guerra, a luta entre deuses travada durante a última glaciação. Era um conto difícil de se aceitar; as evidências, no entanto, tornavam inútil qualquer esboço de ceticismo. Bran Pyot acenou com a cabeça, e disse:

- Ele foi o único homem a lutar ao lado das criaturas de gelo, e por isso, quando nós os derrotamos - Pyot sorriu - Jvaq recebeu uma recompensa e uma maldição. A recompensa foi a imortalidade, a maldição, o esquecimento... se bem que há quem creia no oposto.

A grande sala de luz ficou em silêncio por longos momentos. O historiador buscava digerir toda aquela informação, ordená-la...

- Quem são - perguntou afinal - esses deuses e demônios? o que querem de nós? por que lutam aqui na Terra?

- Não apenas na Terra - corrigiu Bran. - Em todo o Universo. Esses... seres... tão superiores que se intitulam deuses... parecem lutar por alguma espécie de hegemonia. Não nos é permitido saber exatamente do que se trata. Sabemos apenas que o poder daqueles que chamamos deuses vem da manutenção da vida; e o dos demônios, da perpetuação da morte.

- Por que você também continua... vivo? - João Carlos conseguia compreender, dentro da lógica maluca que regia aquelas histórias, a imortalidade de Jvaq Pyot; mas a de Bran permanecia sendo um mistério.

- Oh, mas eu estou morto - Bran disse. - Ao menos de certa forma. Da forma que interessa - e suspirou. - Veja, logo que o pla-

no dos demônios para Jvaq ficou mais ou menos claro, os deuses me retiraram de meu... de meu repouso... e me trouxeram aqui, ao palácio de luz. Ensinaram-me a utilizar suas máquinas, e me mandaram recrutar um agente terrestre. Como eu sabia que o plano para Jvaq talvez levasse eras a ser posto em prática, decidi recrutar todo um clã. Foi o que fiz, com um ancestral de José Alves - o homenzinho de terno, até então muito quieto, sorriu e acenou, de uma forma tímida, marota. - Infelizmente, os princípios e mistérios revelados ao clã se degeneraram com o tempo - Alves fez uma careta -, e fui obrigado a recrutar outra pessoa.

- Ou seja, eu - João Carlos parecia desolado. - Por que esses deuses... e demônios... não lutam suas próprias batalhas? Por quê...

- Há algo que os impede de atuar diretamente no plano físico - Bran explicou. - Aconteceu logo após a última Guerra em Antares. Eu mesmo... só posso me manifestar na dimensão normal do Universo através do portal.

- Algo que os impe...

- Não convém discutir as limitações do Ilimitado - disse Pyot, secamente. - Vamos. Você tem muito que aprender... muito que aprender.

Por muito tempo (meses? anos?) João Carlos ficou no palácio de luz... treinando.

Ele aprendeu a manejar uma espada, desenvolveu músculos para isso; aprendeu a ler auras, a farejar o Mal, a ver a alma quente e vibrante através dos olhos de um interlocutor. Aprendeu a caminhar em silêncio como um gato, a se misturar com as sombras, a deixar-se diluir na multidão, na paisagem.

Corpo, mente, alma e élan - o não-ego, a essência mística por excelência - integraram-se e fundiram-se numa dimensão inimaginada.

- Se você tivesse a vocação - o Pesquisador disse-lhe certa vez -, eu poderia transformá-lo num mago de primeira... Mas, na verdade, você será outra coisa.

- Melhor? Pior?

- Apenas outra coisa.

Certo dia, após uma exaustiva seção de exercícios, João Carlos subitamente percebeu-se barbado - uma barba espessa, cerrada, densa, selvagem. E, quase simultaneamente, pensou em Cristina.

De súbito, voltou-se para Bran:

- Cristina! Todo esse tempo... não pensei nela nem por um instante. - Isso parecia fazê-lo sentir-se mal, e o Pesquisador logo falou, com uma voz bastante doce:

- Nós bloqueamos seus pensamentos... seus pensamentos potencialmente dolorosos. Não se preocupe; o tempo dela está passando num ritmo bem mais lento. E, de resto - a voz tornou-se imperativa - está na hora de devolvê-lo ao mundo. Vamos!

1. Caçada

João Carlos jamais montara qualquer tipo de animal em toda sua vida, e agora cavalgava um camelo como se tivesse nascido para isso. O historiador também se surpreendeu com sua tolerância ao sol e à areia - na verdade, o deserto não o incomodava em absoluto. Por alguns instantes, João chegou a supor que talvez fosse capaz de sobreviver naquelas condições por mais tempo até que sua montaria.

O sol ia a pino, e, de horizonte a horizonte, nada havia que projetasse sombra. A trilha mística que o historiador perseguia afastava-o cada vez mais ao Caio, de Gizé, de todo o Egito civilizado. Aquela pista, seu élan dizia claramente, iria levá-lo à tumba do Esquecido - Faraó Sem Nome. A décima toca do leão.

Para se distrair da monótona jornada, João Carlos pôs-se a lembrar da noite anterior, quando acampara num círculo de areia batida, no meio de lugar nenhum. A água do canil acabara-se já há três dias, mas João não sentia sede.

Sem saber exatamente como, no meio da noite, João Carlos acordara e retirara a espada - um respeitável pedaço de metal, ricamente trabalhado, pesando cerca de trinta quilos e afiado nos dois gumes - do alforje. Seus músculos estavam tensos, mas numa tensão estranha, elástica, quase agradável.

Os bandoleiros não conseguiram surpreendê-lo.

Eram treze ou catorze, montados em velozes camelos e armados de cimitarra e carabina. Sem saber como, João Carlos soube-os guerrilheiros, mercenários desempregados entre uma guerra e outra. Soldados na guerra, salteadores na paz.

Agora, lembrando-se do ocorrido, João Carlos ainda não conseguia dominar seu espanto.

Eles traziam carabinas e metralhadoras, lembrou-se. E isso não os ajudou em nada!

O zunido da espada, o estampido dos tiros, a chama contínua cuspidas pelas metralhadoras...

O som familiar (conhecido de onde?) do osso partido, da carne fendida. O barro de sangue quente e areia gelada.

Ao cabo de um quarto de hora, João Carlos tinha catorze corpos humanos e catorze camelos aos seus pés. Ele e sua espada estavam cobertos de sangue. Apenas do sangue de estranhos.

Cavalgando na direção de uma duna ao longe, o historiador era capaz de se lembrar, com precisão, de cada movimento, de cada lance da batalha da noite anterior. Ele via-se a si mesmo como um outro homem, um personagem, um guerreiro sanguinário de movimentos estranhamente harmoniosos.

E, não obstante, aquele era ele. Ou algo formado nas estrelas a partir de si mesmo - um câncer marcial.

Agora a duna estava bem próxima. O élan gritava que a tumba do Faraó Sem Nome estava ali, sob a areia - oculta pela areia.

Ver a tumba ainda oculta acendeu uma esperança no coração de João Carlos: talvez o Dragh ainda não tivesse passado por ali.

Avançando com o camelo, porém, João logo viu que a duna não era de areia - tratava-se de uma camuflagem imaterial. Atravessada a névoa branca e amarela, ele se viu diante do túmulo: uma estrutura talhada em rocha negra, polida ao ponto de refletir luz e imagem como um espelho.

Além do altíssimo e estreitíssimo pórtico, João Carlos soltou uma exclamação de deusagrado - uma praga, uma palavra chula.

O sarcófago já havia sido violado. A múmia - que com certeza resistira à investida do Mal - jazia fora de seu leito, depedaçada, assassinada com uma adaga cerimonial no peito.

Mergulhando em profunda introspecção, João reorientou o élan, buscando sintonizá-lo com a décima-primeira toca.

Uma linha dourada, cáustica, chamejante, pareceu surgir do sarcófago e dirigir-se para o norte - sempre para o norte.

2. A Nave

Hagar, o Horrível é o jatinho particular de Nicolai Travnov, um russo naturalizado finlandês - e proprietário de um pequeno aeroclube amador no norte da Finlândia. Quase ninguém vai ao aeroclube Travnov nessa época do ano, um tempo de noites longas, que assusta os turistas e afasta os aviadores - que preferem ficar com suas famílias em localidades mais ao sul, onde dia e noite tendem a se equilibrar.

Por isso, foi com grata surpresa que Nicolai viu o estranho chegando. Era um homem alto, que andava ereto apesar do forte vento. O estranho trazia uma bagagem, ao que tudo indicava - uma grande mochila de acampamento.

O estranho respondeu com distante frieza ao cumprimento efusivo de Nicolai, e apresentou-se, também, como um russo: Josef Piotr Drako. Encontrar um ocnterrâneo ali, naquela desolação, aqueceu o coração do velho Travnov, que logo se pôs a falar pelos cotovelos, num desusado e, inicialmente, enfechado russo.

Drako, a princípio, continuou avesso à confraternização, mas acabou cedendo à alegria do piloto. Então, enquanto Nicolai mostrava a Josef cada um dos aeroplanos de seus dois hangares, ambos discutiam alegremente os assuntos da terra natal: a música, as mulheres, a política.

Josef Piotr acabou estacando diante do Hagar. Nicolai percebeu isso, e sorriu com aprovação:

- É um aeroplano lento e pesado, mas muito resistente - disse o velho russo. - Ele provavelmente poderia voar até bem perto do polo.

- Concordo - respondeu Drako. E essa foi

a última palavra que Nicolai ouviu, logo se guida pelo estalo de um pescoço se quebrando.

A noite era calma, e os ventos a grandes altitudes pareciam dispostos a colaborar com o intento de Jossef. A estrela Polar brilhava com sinistra determinação. O Hagar voou calmamente sobre o mar Ártico, serpenteando sobre cordilheiras de icebergs, até pousar num impressionante planalto flutuante. Ali, a poucos passos do avião, o crescente aumento de temperatura da Terra havia descoberto uma estrutura que estivera congelada a milênios.

Era uma carruagem dos deuses, um veículo de tempos anteriores à batalha de Antares, que aprisionara deuses e demônios fora deste plano da realidade. Vista de cima, a nave era quase indistinguível do bloco de gelo onde estivera incrustada por eras incontáveis: a superfície do veículo refletia luz branca com uma intensidade comparável à do gelo.

Olhando para aquilo de um ponto de vista "solo" glacial, no entanto, Jossef Drako percebia facilmente as formas distintas do longo e elegante disco metálico que emergia, num ângulo de sessenta graus, do próprio corpo da geleira.

Com harmonia e doçura que não sabia possuir, Drako recitou um cântico de lamentos e grande tormento. Em resposta, a parte inferior do semidisco descoberto pelo gelo se abriu, painéis recuando e se afastando para direita e esquerda. Sem hesitar, Drako penetrou naquele espaço espúrio, revelado por mecanismos de um outro Universo.

Ali dentro havia esqueletos - formas ósseas que, tempos atrás, davam suporte a uma carne apenas vagamente humana. Nas - mãos? - de um desses horrendos cadáveres, Jossef encontrou a décima-segunda parte: um triângulo negro e incrivelmente polido, um espelho de trevas.

Abrindo sua mochila, Drako tirou dali o conjunto ainda incompleto de sua obra: uma espada - cuja empunhadura era feita de osso e pele humanos, decorada com gemas do Caos, e de lâmina negra, espelhada, pura no Mal. Lâmina ainda deformada, como uma grotesca figura de tangram - até que Jossef Piotr Drako fixou-lhe na ponta a última parte.

Um trovão pareceu cair ao longe, como um lamento do mundo, pelo mundo. Raios azuis e chamas negras percorreram a espada, consolidando-a, apagando quaisquer marcas de encaixes, articulações ou lacunas. A Espada do Caos estava pronta, brilhante, soberba.

Se Jossef Piotr Drako entrara na nave, quem saía, agora, era Jvaq Pyot, o Dragh - Traidor, Criminoso, Bruxo, Assassino. O bárbaro que lutara, na aurora dos tempos, contra sua própria espécie. E que caminhara pela Terra por eras e eras, aguardando o momento de pôr em prática o milenar plano de

genocídio de uma raça transcendental de demônios.

O Dragh preparou-se, então, para iniciar sua caminhada rumo ao pólo, onde deveria enterrar a lâmina maldita e, assim, trespassar o coração da Terra.

Uma voz, porém, obrigou-o a deter-se.

A princípio, Jvaq imaginou que seu irmão houvesse voltado - mas não, aquela não era a voz dele, e nem falava a Língua primordial. O tom, a autoridade, no entanto, eram os mesmos de Bran Pyot.

- Pare - era a palavra que o detivera, e o fizera voltar-se. Ali havia um jovem, alguém que se sentia mal na postura do guerreiro, mas que parecia determinado a lutar. Na mão, trazia a espada de Bran.

- Um último duelo, então - disse Pyot, na língua do estranho, enquanto punha-se em guarda, com movimentos elegantes e estudados.

- Um último duelo... venha!

### 3. A Guerra

João Carlos estava suando. Sobre um iceberg, seminu, segurando uma espada pré-histórica... ele suava.

Cheguei a tempo, foi seu primeiro pensamento. Ele quase me despistou na Dinamarca, mas agora...

Agora, o quê? João tinha um plano...mas...

Estudadamente, o historiador baixou sua guarda e disse, tentando parecer calmo:

- Não.

Jvaq Pyot aproveitou-se da aparente hesitação de seu oponente e descarregou todo o peso da Espada do Caos na cabeça de João. Que, bastante rápido, cuidou para que sua cabeça não estivesse mais lá quando a lâmina caiu.

Pyot cortou o ar gelado do Ártico, e perdeu o equilíbrio. João enquanto se esquivava, atingiu-o com o punho de sua espada no rim. O Dragh caiu sentado, exausto, dolorido.

Confuso. Sua mente aguardava o último golpe, a decapitação cerimonial, mas uma intuição desenvolvida ao longo dos milênios lhe dizia que sua vida seria poupada - por enquanto.

Mais uma vez, João Carlos depos guarda, e disse:

- Não. Sem luta.

- Eu... não entendo...

- Por que deveríamos lutar?

A pergunta chocou Pyot. Eles deveriam lutar porque... porque...

- Porque você pretende destruir o mundo?

Por que você pretende destruir o mundo? - continuou inquirindo João. - Em?

- É minha missão. Os deuses...

- Os deuses não existem mais. Eles foram banidos deste plano... É por isso que precisamos de você, e de mim. Mas... percebe? ...podeemos nos recusar a servi-los.

- Não! - Pyot tentava levantar-se, mas não conseguia. - A recompensa...!

- Que recompensa? De que lhe vale poder, imortalidade, num mundo destruído? Veja, esta luta não é nossa, é deles! Eles duelam pelos

Universos, e o que nós temos a ver com isso? Destruir a Terra ajudaria os demônios, escravizá-la ajudaria os deuses...

"Escravizá-la, sim - pensei muito no assunto. Os deuses fizeram... coisas... com minha cabeça, impedindo-me de ter certos pensamentos, estimulando-me a outros... agora, no entanto, que estou fora de seus domínios, consigo pensar sozinho! Claro que se eles tivessem me doutrinado direito meus pensamentos independentes não seriam assim... su bersivos... mas enfim...

"Por que você acha que eu o derrubei com tanta facilidade? Por que você não consegue se levantar? O poder deles aqui é pequeno, insuficiente. Manter você vivo todo esse tempo deve ter detonado as baterias dos demônios.

"Eles precisam de nós, mas nós não precisamos deles... Percebe? Não há um único bom motivo para que lutemos esta guerra. Não é nossa guerra."

Jvaq já estava novamente de pé, e João se pusera em guarda. O historiador não tinha certeza da capacidade de aceitação de Pyot para suas idéias. Na verdade, Pyot começava a reagir irracionalmente.

- Eu sou o Dragh! O Mal! Eu...

- Dragh? Um título antigo, esquecido, de uma outra época... Você não precisa, bom Deus, não precisa ser mau. Você só é mau se quiser. Vê? - João Carlos assumia uma postura defensiva, com a espada apontada para o coração de Jvaq e os nervos alerta.

- Sim - Pyot balbuciava. - Sim, eu... percebo. Por eles trai meu povo, abandonei meu irmão, vivi mil ivdas, assassinei... E tudo foi desnecessário. - Olhando com os olhos cheios d'água para João, Jvaq complementou: - Como eles nos enganaram? Como...

- Na sua época, a guerra era real - João disse. - Eles realmente estavam aqui. E, de qualquer forma, a humanidade era jovem... i matura. Vocês eram um povo-criança.

- Crianças, de verdade - Pyot suspirou. - E chegou a hora de crescer.

Erguendo a Espada do Caos acima de sua cabeça, segurando a empunhadura com uma mão e a ponta da lâmina com a outra, Jvaq Pyot depois baixou-a, violentamente, contra sua coxa direita.

A lâmina se quebrou como se fosse de vidro. Aos poucos, a arma se desfez em poeira. João Carlos ficou aturdido.

- Eu também conheço alguns truques, garoto - disse Pyot, sorrindo e engolindo algumas lágrimas. - Ei, como você chegou aqui?

- Vim num barco... um bote, de um baleeiro. Já deve ter sido esmagado pelas geleiras.

- Bom, eu estou de avião. Quer uma carona de volta à Europa?

- Amigo, eu adoraria.

#### 4. Epílogo

Cristina quase morreu de susto quando entrou em casa e deu de cara com João e mais um estranho, um homem de meia-idade, sentados no sofá.

- Onde... o quê... quem...

- É a sua garota? - o estranho perguntou a João.

- É, sim.

- Bonita...

- Também acho.

Cristina finalmente recuperou a fala: - Mas que diabos está acontecendo aqui?! Quem é esse... - a garota estava a beira de uma crise histérica.

O homem de meia-idade levantou-se e, com uma mesura, saiu pela porta.

- Cris - João disse, assim que ficaram a sós. - Não vou lhe dizer nada sobre esses dois meses. Absolutamente nada. Nunca. Certo? Eu lhe peço - havia medo, apreensão, súplica em sua voz - que você respeite isso e... me perdoe. É possível.

Já mais controlada, Cristina caiu sentada numa poltrona e, com um tom neutro de voz, disse:

- Preciso pensar nisso.

- Claro - respondeu João. - Quando decidir, por favor, me ligue. E acrescentou, com um sussurro contrito: - Vou estar esperando.

Antes que ele saísse, Cris deteve-o com uma última pergunta:

- Quem era aquele...

- Professor Jaime Pedroso. Ele tem algumas teorias muito interessantes sobre os povos europeus pré-históricos.

- Ah...

- Estou esperando - concluiu João, saindo E, delicadamente, fechou a porta.

**Clarion**  
The Science Fiction and Fantasy  
Writer's Workshop

June 20th - July 31st, 1993

The 26th Annual Workshop

Writers-in-residence:

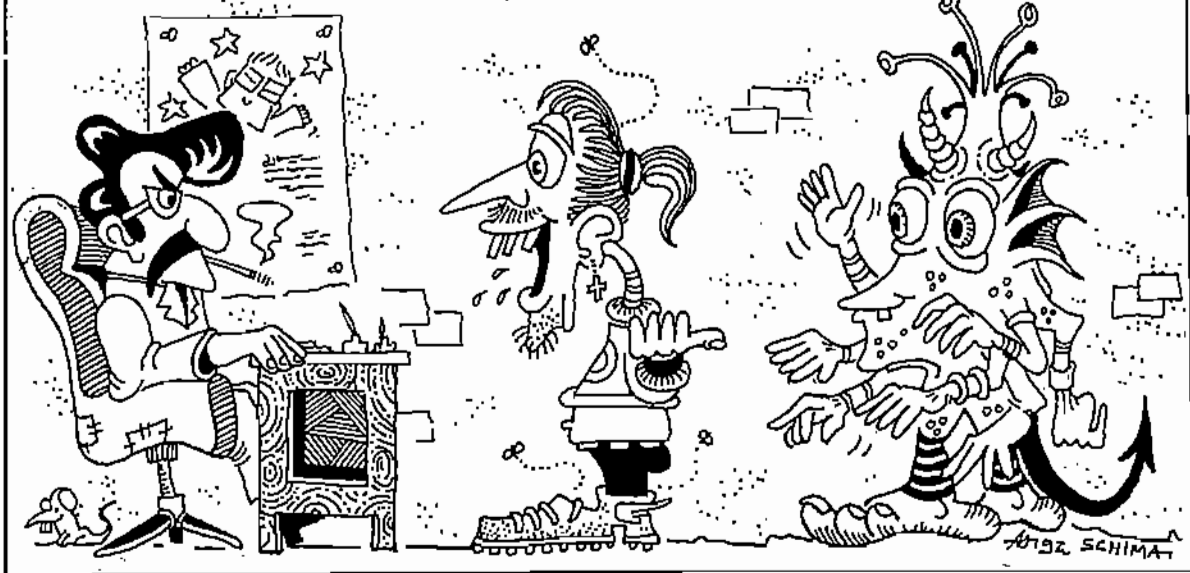
Tim Powers, Joe Haldeman,  
Karen Fowler, Eleanor Arnason,  
Kate Wilhelm, and Damon Knight.

Deadline: April 15, 1993

For more information contact:

Mary Sheridan  
Lyman Briggs School  
Michigan State University  
East Lansing, MI 48825-1107

— PODE CRER, CHEFINHO. É O MELHOR DATILÓGRAFO QUE JÁ VI.



## CINEMA BRASILEIRO DE F.C. :

### VIAGEM A UM PLANETA PERDIDO

por JORGE LUIZ CALIFE

Escrever sobre os filmes brasileiros de FC é uma atividade muito difícil por falta de material de referência. Os livros sobre a história do cinema no Brasil são poucos e muito incompletos, vídeos dos filmes não existem (Muitos se perderam por falta de arquivos e cinematecas). Não é assim com o cinema estrangeiro. Se eu quiser saber quem foi o diretor de Ataque dos Tomates Assassinos é só olhar na Enciclopédia dos Filmes de FC de Peter Nichols e lá estarão os dados completos sobre este ou qualquer outro filme B americano.

Infelizmente os poucos filmes nacionais com temática de FC nunca chegaram aos Estados Unidos e não foram por isso documentados pelos estudiosos ianques. Mas ainda é possível reconstruir, parcialmente, esta história perdida do filme brasileiro de FC recorrendo-se, principalmente, a velhas revistas adquiridas em sebos, e aos arquivos dos jornais.

O primeiro filme brasileiro de FC foi Os Astronautas, uma comédia filmada em 1961, com Ronald Golias, Grande Otelo e Neide Aparecida no elenco. Feito no final do ciclo da chanchada Os Astronautas é interessante por vários aspectos. Na época Neide Aparecida era muito popular como estrela de comerciais de TV. Uma graciosa morena tipo mignon, ela faz o papel de uma astronauta extraterrena que vem ao nosso mundo para ajudar dois astronautas brasileiros (Golias e Otelo) que estão de partida para um vôo orbital numa cápsula tipo Gemini.

O tema é o mesmo de uma comédia dos estúdios Walt Disney produzida no mesmo ano: O Incrível Homem do Espaço (Moon Pilot), com Tom Tryon e a francesa Darry Savall, e é singular o fato de dois filmes com temática igual terem sido produzidos no mesmo ano, estreando nos cinemas com uma diferença de meses, com as equipes trabalhando separadamente e sem contato mútuo. O filme de Disney

é colorido e tem um roteiro melhor, explorando mais o ângulo romântico de uma idéia que faria a fama de James Tiberius Kirk: Homem da Terra encontra bela extraterrena e os dois vivem um breve romance.

O filme brasileiro é em preto e branco e explora o lado cômico da situação, com uma influência marcante das comédias burlescas do teatro de revista.

O cenário, da base de lançamentos de Cabo Canavial, é criado com muita engenhosidade, para superar o baixo orçamento. As filmagens externas foram feitas em uma refinaria de petróleo, com as torres de craqueamento simulando as plataformas da base (Um recurso também usado em filmes ingleses da série Quatermass). Sempre que um foguete decola a produção usa imagens de arquivo dos lançamentos dos Mercury Redstone americanos. Trucagens simples fazem Neide Aparecida se materializar e desmaterializar, teleportando-se para vários lugares diferentes.

Em uma das seqüências Golias penetra num laboratório secreto da base. Perplexo ele encontra várias mulheres bonitas, todas usando reduzidos biquínis, totalmente imóveis, rígidas, dentro de tubos transparentes. Depois de tentar sem sucesso se comunicar com as beldades petrificadas ele aperta um botão num painel. Os tubos se abrem e as moças fogem correndo depois de reanimadas. Um cientista aparece e esculhamba o desastrado herói por ter arruinado uma experiência de hibernação por congelamento. (Pela atitude das mulheres, fugindo apavoradas assim que acordam, o espectador desconfia que eles não eram voluntárias).

Acontece que a hibernação por congelamento era uma idéia pouco comum em filmes de FC naquela época. O cinema americano só mostraria astronautas hibernando congelados cinco anos depois em séries como Perdidos no Espaço e Jornada nas Estrelas e filmes como

2001 e Planeta dos Macacos. O que demonstra que, apesar do tratamento burlesco, os roteiristas andaram lendo livros sérios sobre o assunto.

O filme seguinte na história da FC brasileira é Brasil: Ano 2000, de Walter Lima Jr., uma sátira sobre um grupo de hippies que encontra uma base de foguetes num mundo devastado pela guerra nuclear. O filme tinha muito de fantasia e quase nada de ciência. O único detalhe interessante é a plataforma da base, com um foguete Gemini-Titan reproduzido em tamanho natural. A produção é de 1986.

Talvez a melhor produção de FC já feita no Brasil seja o Náufrago do Tempo, também conhecido como O Homem das Estrelas. Co-produção Brasil-França rodada em Angra dos Reis em 1971, com direção do francês Pierre Kast e vários atores brasileiros no elenco.

A história começa em uma praia paradisíaca do Brasil de 1550. Depois de uma grande explosão no céu um humanoide esverdeado vem dar na praia, agarrado ao casco de uma tarta ruga marinha. Ele é o homem das estrelas, um extraterrestre cuja nave se destruiu ao penetrar na atmosfera terrestre. Náufrago no Brasil de 1500 dispõe de um anel que permite saltos no tempo em direção ao futuro. O homem das estrelas logo percebe que a tecnologia humana em 1550 é muito primitiva para poder ajudá-lo. Depois de testemunhar as lutas dos portugueses contra os índios o viajante parte para o futuro, em busca de uma época onde a tecnologia humana já tenha condições de enviá-lo de volta ao espaço.

Em saltos de cem anos no tempo ele testemunha várias fases da história do Brasil, sempre marcadas pela violência. Portugueses matando índios, guerras civis, guerras do Brasil com os países vizinhos, perseguições políticas, lutas e massacres. Na última sequência do filme o homem das estrelas, que já tomou forma humana aparece no estádio do Maracanã vendo um jogo do Flamengo contra o Fluminense, atônito com a multidão ululante. Ele sai do estádio e topa com um tiroteio entre militares e guerrilheiros urbanos do MR-8. Amargurado aciona mais uma vez seu anel e some em direção ao futuro. O espectador fica pensando que Brasil ele vai achar em 2071.

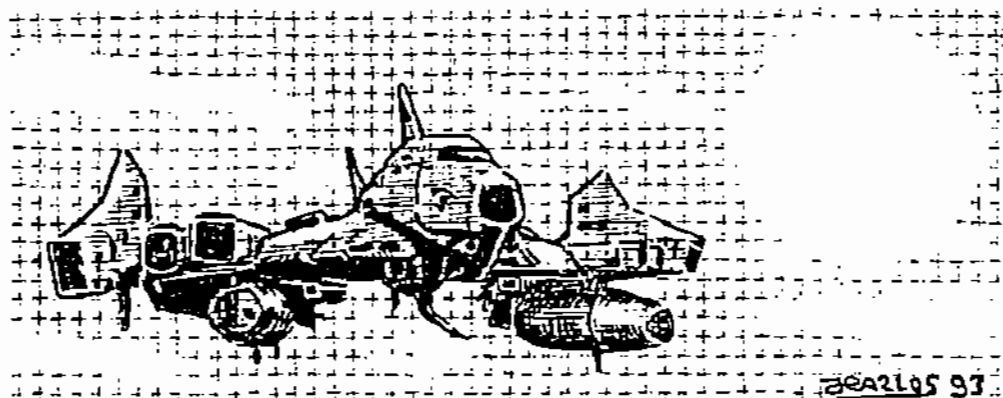
Certamente não o Brasil de Parada 88: Limite de Alerta filmado em 1977 por Jose de Anchieta. O filme mostra uma São Paulo do futuro, tão poluída e super-povoada, que as pessoas precisam usar uma tecnologia bizarra para respirar. Regina Duarte passeia por esse pesadelo futurista que segue a linha de Make Room, Make Room, o célebre romance sobre superpopulação de Harry Harrison.

Superpopulação não era problema no Brasil de Abrigo Nuclear (1982) filme de Roberto Pires sobre um mundo pós-guerra atômica. Na terra devastada e radioativa as pessoas vivem em cidades subterrâneas sob um governo ditatorial. Preferindo a liberdade um homem foge para a superfície, mesmo sabendo que não sobreviverá muito tempo por lá. Embora feito com pouco dinheiro o filme tinha cenários convincentes, um visual futurista e um vestuário eficiente para os membros da civilização subterrânea. Norma Bengel, que na Itália tinha estrelado Planeta dos Vampiros, de Mario Bava, liderava o elenco.

Foi o último filme brasileiro sério de FC. Com a crise que devastou os estúdios e produtoras nacionais restaram apenas as produções de Xuxa e Os Trapalhões: Os Trapalhões no Planalto dos Macacos, Os Trapalhões na Guerra dos Planetas e A Princesa Xuxa e os Trapalhões. Todas paródias de filmes americanos como Guerra nas Estrelas e Planeta dos Macacos. Ou seja, o cinema brasileiro de FC acaba reduzido a um nível inferior ao dos seus primórdios. Em 1961 Os Astronautas conseguia exibir ideias pouco exploradas (hibernação congelada, teleportação) e um roteiro semelhante ao que de melhor os estúdios Disney conseguiam fazer na época. As comédias de hoje só copiam o que vem de fora.

As Sete Vampiras, de Ivan Cardoso (1986) imita os filmes B dos anos 50. Nicole Puzzi é a mulher do cientista, mordida por uma planta carnívora de filme B. Ela começa a envelhecer e vira uma morta-viva, matando outras mulheres para sugar seu sangue. Nada que já não tenhamos visto em antigas produções da American International ou da Hammer Films.

O futuro do cinema brasileiro de FC depende deste país ainda ter um futuro. Por enquanto não há futuro, nem pro Brasil, nem pra filmes nacionais de ficção científica.



# Isaac Asimov Magazine à Brasileira

por GERSON LODI-RIBEIRO

Encerra-se com o número 25 a edição da Isaac Asimov Magazine no Brasil, após mais de dois anos e meio de atividades, desde maio de 1990 a dezembro de 1992 (1). Durante esse tempo, o fandom de uma maneira geral manteve uma relação de amor-ódio com a revista, alternando críticas ferinas e algumas vezes despropositadas, com um sentimento de gratidão pela qualidade do material que a publicação trazia em suas páginas. Não que sejamos esquizofrênicos, não. Acontece apenas que o fandom não é uma entidade amorfa e individualizada, e sim composto por uma quantidade de indivíduos (estes sim, amorfos em sua maior parte), cada um dos quais com suas idéias próprias ou, na melhor das hipóteses, com aquilo que acredita que são suas idéias próprias.

O motivo para o naufrágio da IAM também não foi único. A crise econômica nacional contribuiu, é claro. Mas não devemos superestimar seus efeitos. Se os empresários brasileiros, depois de 492 anos de crise econômica, ainda não aprenderam a conviver e prosperar com ela, talvez, até por uma questão de seleção natural, seja justo que se extingam mesmo... É fato incontestável que as vendas caíram substancialmente. Mas o fenômeno provavelmente se deveu mais ao péssimo serviço de distribuição nas bancas, do que à elevação nos preços ou a uma pretensa queda generalizada na qualidade do material publicado. Além do pequeno lucro que jamais deixou de dar, a revista ainda funcionava como mala-direta gratuita para anunciar os livros da Record na área de FC&F, atingindo exatamente o público-alvo, consumidor potencial dos livros de Asimov, Auel, Vonnegut, Hubbard e companhia.

O fandom, em sua grande maioria, manteve-se fiel à revista (2). E, com essa fidelidade, comprovou sua fraqueza: ainda não somos bastantes, em número e poder econômico, para mantermos sozinhos uma revista profissional de FC&F; isto é bastante óbvio se nos lembrarmos que o conjunto-união dos membros do CLFC, CFCA e outros clubes menores, não deve chegar a 500 membros. Dessas cinco centenas, menos de cem comparecem aos eventos patrocinados por seus respectivos núcleos regionais, e apenas uns 30 a 40 efetivamente participam das atividades do fandom, quer editando, colaborando ou comprando fanzines; ministrando palestras; organizando fundos de livros e bancos de dados sobre os sócios de suas entidades. Conclusão: para o suces-

so de qualquer publicação maior que um fanzine, precisamos contar com leitores do grande universo externo ao ghetto: simpatizantes da causa, ainda não arrebanhados - ou sequer mensurados - para o interior do fandom.

Foram esses leitores que diexaram de comprar a IAM quando pararam de encontrá-la regularmente nas bancas. Eu mesmo conheço vários leitores de FC eventuais, que se satisfizeram igualmente adquirindo material mainstream para substituir a leitura de uma IAM desaparecida durante meses a fio.

Houve também incompetência por parte do editor, gerada essencialmente pela falta de conhecimentos profundos na área de FC&F. No que se pese a grande dedicação pessoal da supervisora editorial, Adélia Marques Ribeiro, faltou dentro da redação da IAM uma figura com o pulso e a visão de um Campbell, um Gold ou mesmo um Boucher (3).

No entanto, nem tudo foram espinhos nessa roseira. o fator positivo mais importante no advento da IAM foi a oportunidade de apresentar ao leitor médio (que não lê FC em inglês) autores excelentes até então jamais publicados no país. Alexander Jablokov; Gregory Ben-

ford; Lucius Shepard; Charles Sheffield; Greg Egan; Judith Moffett; John Barnes; Karen Joy Fowler; Nancy Kress; Connie Willis; Mike Resnick; Kim Stanley Robinson; Allen Stelle; Lawrence Watt-Evans; Octavia Butler; Geoffrey Landis e vários outros. Além desses autores e de alguns mega-stars como Pohl, Card, Tiptree, Silverberg, Brin e Sterling - a IAM nos brindou com histórias realmente muito boas, daquelas que trazem recordações agradáveis anos mais tarde: "Esperando os Olimpianos" (Pohl); "O Limite da Visão" (Barnes); a "Saga de Katmandu" (Robinson); as histórias do "Carreiro" (Brin) (4); os contos de FC hard do Sheffield e muitas mais.

Outro papel fundamental exercido pela IAM foi a publicação de autores e articulistas brasileiros que até as suas respectivas estréias profissionais, em sua maioria, só eram conhecidos pelos leitores de fanzines. Pessoalmente me sinto muito grato pelo espaço aberto pela revista. Afinal, como todos os outros que tiveram a honra e a sorte de terem seus trabalhos impressos na IAM devo ter sido lido por cerca de dez mil pessoas, um público sem dúvida maior do que aquele que apreciou as obras de todos os autores de FC publicados até então.





As resenhas e artigos (5) de autores nacionais foram aceitos já a partir da IAM 5, cabendo a Sylvio Gonçalves o privilégio da estréia, com a resenha "Um Alienígena em Cada Esquina", sobre o filme Vampiros de Almas. quanto aos contos e noveletas, a conversa foi outra. Decidiu-se que a revista não publicaria ninguém antes da divulgação do resultado de um concurso literário de contos de FC organizado pela Record. No que se pese o resultado discutível (6), esse foi o primeiro concurso sério da FC nacional. Depois da divulgação, os trabalhos de ficção nacionais começaram a ser aceitos normalmente pela IAM, dando-se logicamente prioridade ao três vencedores. Dos nºs 12 ao 25, foram publicados 17 trabalhos de autores nacionais (11 contos e 6 noveletas); a partir do nº 23 passaram a publicar dois trabalhos nacionais por edição. A grande maioria dos trabalhos foi escrita por membros do fandom. Algumas das excessões, como nos contos de Ruth de Biasi (a mãe do editor) e Maria Helena Bandeira, podem ser explicados como falhas de julgamento da editoria, comprovadas pela rejeição a esses trabalhos por parte dos leitores intra e extra fandom.

Os trabalhos que mais apreciei foram: "Pa trulha para o Desconhecido" (Roberto Causo); "Paradoxo de Narciso" (Ivanir Calado); "Ato Continuum" (Sylvio Gonçalves); "A Melhor Ar ma de Doenitz" (Carlos Mores e Antonio Cesar de Oliveira) e "Aprendizado" (Carlos Or si Martinho).

Sobre a importância e o papel da IAM muito resta a dizer. Seria interessante que outros articulistas se manifestassem, de for

ma a proporcionar ao fandom uma visão mais abrangente desse fenômeno que foi a existênci a relativamente breve de uma revista profissi onal, a primeira a aparecer após o advento desse mesmo fandom. Da IAM em si, restam ape nas as lições e as lembranças. Saudades de u ma época recente em que éramos felizes e não sabíamos.

#### Notas:

(1) - 25 nºs em 32 meses, o que caracteriza a revista mais como irregular do que como periódica.

(2) - Houve excessões. Os motivos foram os mes mos de sempre: as ciuadas infelizmente típi cas (e crônicas) em nossa pequena comunidade. Algumas pessoas - se não torceram - pelo me nos apostaram no fracasso da IAM. É lógico que não citarei nomes. Inclusive porque não tenho provas concretas, apenas certezas.

(3) - Nem adianta falar dos editores contempo râneos. Em termos de editoria de FC&F no Bra sil, nós ainda estamos before the Golden Age...

(4) - Essa saga não foi, infelizmente, conclu ída. Apenas um dos muitos exemplos do que fal tou ser feito.

(5) - Não houve forma de convencer o editor a desistir de chamar os artigos e crônicas pes soais de depoimentos...

(6) - Lei de Calife-Fernandes-Fonseca: "Toda escolha de vencedores em concursos é discuti vel, para todos aqueles que não os juizes ou os próprios vencedores".

Um dos mais ativos membros de nosso fandom, Carqueija estréia nesta edição uma nova coluna de resenhas. A seguir ele demonstra mais uma faceta de seu talento, desvendando as sombras e mistérios envoltos por entre as estações de metrô.

## O QUE EXISTE ENTRE AS ESTAÇÕES DE METRÔ

por MIGUEL CARQUEIJA

DE HÁ MUITO QUE EU PERCEBO em mim uma sensibilidade mórbida e acentuada, de maneira que frequ entemente noto coisas que as outras pessoas não suspeitam. O sentido da visão, especialme nte, é em mim bastante aguçado sob certas condições, falando em português claro, na penum bra, em ambiente sombrio ou de trevas, desde que não seja a escuridão total. Já em criança fui muitas vezes advertido por meus pais e tios porque, no mato ou em qualquer lugar mais ermo, ou até na cidade, eu via formas estranhas e assustadoras, como morcegos com faces hu manas (porém horripilantes) cruzando os ares, ou pássaros com estranhas flamas no olhar, em poleirados em galhos altos e protegidos pelas sombras da noite. Sim, porque a minha visão especial mostra, por via de regra, o horrível e medonho! O que as pessoas não creem e nem querem que exista...

Nos últimos tempos passei a ter intensas visões dentro do metrô do Rio de Janeiro. Se ntado junto à vidraça, olhando para o exterior, quando a composição se move entre as esta ções, célere. E o que vejo é abominável!

Você já deve ter reparado que, nas estações, o piso prossegue pelos túneis escuros, por onde é vedada a travessia de pedestres. Certamente que funcionários do próprio metrô por lá podem circular, até porque existem instalações além da área aberta ao público. Desconfi o porém que trechos existem, mais para o meio dos percursos entre as estações, por onde ni-

ninguém normalmente circula, já que não teria ali o que fazer. Nesses trechos mais escuros, especialmente entre as estações sequenciais mais afastadas entre si, é que eu enxergo, enconstando-me ao vidro do trem, os monstros infames que ali habitam, sem que a população, que caminha na superfície, ao menos desconfie.

Às vezes são seres bípedes, horrendos, de negras asas de quiróptero que agitam no ar viciado do túnel, enquanto seus olhos vermelhos e perversos fitam a composição que passa, e parecem mesmo me olhar de relance, como se adivinhassem que eu os vejo, enquanto seus aguçados caninos refletem alguma luz de origem desconhecida.

Quando a balduína para entre as estações, como às vezes faz perto da Saens Peña, posso observar com mais atenção, embora tomando cuidado para que as outras pessoas não me percebam excitado ou agitado. Vejo muitas vezes criaturas execráveis, com patas e camas reptilianas, estendendo suas línguas bífidas ameaçadoramente em direção ao metrô. Há também seres que desafiam a descrição, que parecem bortados do granito das paredes, como se fossem apavorantes pedras maldições, abrindo goelas imensas. Ou ainda, lobisomens como o que vi pouco antes de chegar ao Largo do Machado, agitando o punho fechado na minha direção e atirando-me com expressão feroz alguma ofensa obscena que eu não podia ouvir...

Quando você passa na Estação Afonso Pena, pode reparar nos painéis azuis e no extintor pendurado logo no início. Pois pouco antes disso eu vi serpentes horripilantes subindo na pedra como lacraias. Entre o Estácio e a Praça Onze (no lado esquerdo do trem, mas olhando para trás, por causa da posição do banco) você pode enxergar o túnel de ventilação, que chega até a rua. Uma estranha mão negra é vislumbrada saindo da penumbra. Não se consegue ver mais nada.

Entre a Praça Onze e a Central vejo passaros de fogo, com dentes, esvoaçando no túnel gradeado. Mais adiante, um alojamento. Sim, existem alojamentos de funcionários do metrô, a poucos passos do sobrenatural. E eles nada percebem! Ou será que percebem mas se calam?

Olho o mapa da cidade na estação Central. Corremos em direção à parada conhecida como Presidente Vargas. A distância é pequena. Dá para ver um banheiro, já fora da grande Estação Central (não há banheiros para o público no Metrô - e o dos empregados já ficam na parte interdita), poucas luzes de néon, que iluminam vagamente uns monstros ve-

getais, a chapa de interdição e o corredor, que você deixa para trás ao chegar em Presidente Vargas.

Indo para a Estação Uruguaiana, vejo buracos quadrados onde rastejam vermes asquerosos. Numa das pilastras de cimento, agarrado com as ventosas das patas e de cabeça para baixo, um pterodáctilo ou coisa parecida. Estamos na Estação Carioca e eu presto atenção no circuito fechado de tv e nos relógios.

Vejo funcionários já nas partes escuras, logo antes e logo depois da Estação Cinelândia.

Estão todos cegos para o que eu vejo?

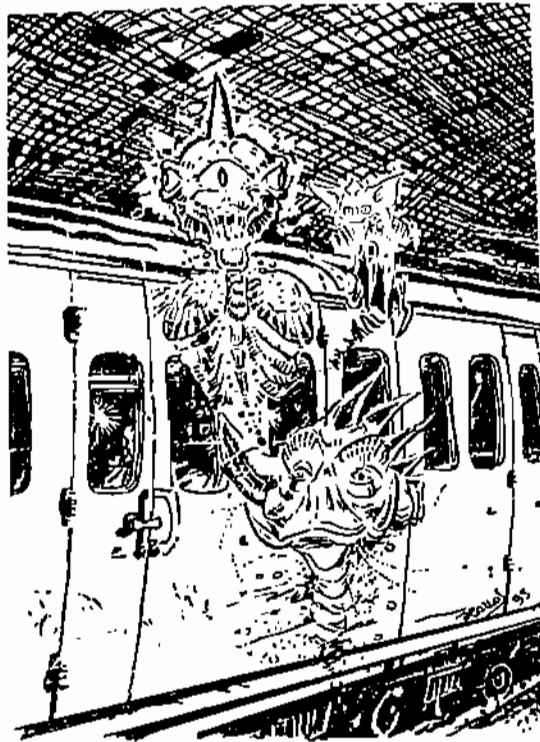
Depois da Glória enxergo fios, luzes e cavernas. Há um dragão numa dessas cavernas, e solta uma labareda na minha direção. Creio que eles me conhecem há tempos e não gostam da minha intromissão. Depois do Catete, uma forma indizível, lustrosa, agarrada num basculante...

E assim chego ao meu destino com a mente povoada dessas aparições monstruosas. E cada vez mais se firma em mim a convicção de que

essas criaturas querem alguma coisa, planejam algo, não estão lá apenas vegetando.

De onde vieram? Talvez do centro da Terra, onde existem cavernas de tamanho inimaginável. E se agora estão tão próximos da superfície, talvez não sejam mais que a guarda avançada de um exército de monstros que se prepara para invadir o nosso mundo e nos destruir.

Preciso fazer alguma coisa. Mas o quê? Se conseguir matar alguns daqueles seres e exibir suas carcaças, as autoridades acreditarão em mim. Eu sei como se fabricam bombas-relógio. Farei várias. Atravessarei a placa de interdição e invadirei o domínio dos monstros. Ei de matar ao menos um...



#### (RELATÓRIO DO DETETIVE ELIEZER)

"A descoberta do infeliz Sigmundo Ramos, a meu ver, esclareceu o assunto. Tratava-se evidentemente de um desequilibrado, e só possuía livros de bruxaria ou coisas semelhantes. Curiosamente, era um bancário e seus colegas não sabiam de suas obsessões. Trazia em sua mochila várias bombas de fabricação caseira, mas só uma explodiu, no trecho entre as estações de Glória e Catete. Fora a morte de Sigmundo, quase não houve danos. Na minha opinião ele deixou a mochila no chão para atacar um dos "monstros" com apenas uma bomba; depois usaria as outras. Mas, no estado de superexcitação nervosa em que se encontrava, não calculou bem o tempo...

Resta somente explicar a origem do chifre negro e quebrado, que encontramos perto do cadáver."

= MEGALON 23, nov/dez 92, Marcello Simão Branco, editor.

\* "O Bêbado de Pancada", Roberto de Sousa Causo.

O autor, que é dos mais ativos e seguros do fandom brasileiro, conta a história de um pugilista medíocre, dominado pela fobia de vir a morrer no ringue, que encontra uma linda mulher que é na verdade a Morte. A narrativa é crua e fantasista ao mesmo tempo e desconcerta por ser na primeira pessoa, já que se espera normalmente que o personagem narrador sobreviva à história. O célebre Cornell Woolrich, porém, já usou desse recurso, no conto "Se os Mortos Falassem". Entretanto eu acho mais difícil para o público em geral digerir a idéia da morte personificada, fora do fabulário (cito Encontro em Samara) e das histórias infantis - como num velho desenho de Ub Iwerks, estrelado pelo Sapo Flip, que faz um detetive à procura do assassino de um cuco de relógio (sic); acaba deparando com a Morte em pessoa e descobre que é o próximo da lista.

\* "Os Et's da Baixada Santista", Decio One.

É menos um conto que um libelo. O personagem narrador (ao menos em teoria, pois praticamente não narra nenhum enredo) na verdade filosofa sarcasticamente, contando a sua desgraça e de seus companheiros de infortúnio, num gueto de miséria e poluição. Ele se declara "vítima da aspiração de resíduos químicos letalmente tóxicos que agora fazem parte do meu sangue: pentaclorofenol, hexaclorobenzeno e tetraclorobutadieno". Reconheço a seriedade do assunto e da denúncia, mas há que haver um mínimo de verossimilhança num conto. Quem vive na miséria absoluta dificilmente escreveria com tanto discernimento e conhecimentos técnicos. Quanto às observações sobre a TV, a carapuça não me coube. Detesto a TV Globo.

\* "Aids' Nós", José Carlos Neves.

Outro conto-que-não-é-conto. Num futuro próximo, sobrevivente do holocausto aidético faz palestra contando a história da epidemia. Eu já tinha ouvido essa hipótese da guerra bacteriológica dos norte-americanos. Pura tolice, eu também tenho sérias objeções ao sistema "Made in USA", mas no caso específico da Aids entendo que a causa é bem outra, mas reservo-me para a publicação de meu conto "Degeneração", que pretendo publicar em volume independente.

\* "Menos que um Balão na Tarde Vazia", Roberto Schima.

Como em outras histórias, Schima busca um sentido poético para a vida, transcende-

ndo a rotina sufocante dos escritórios e conduções coletivas. O disco voador aparece apenas como um pretexto para que um homem e uma mulher se conheçam. O elemento de FC é, pois bem vago, mas isso não desmerece o autor. É de se lamentar, porém, que o personagem se chame Margarido.

= CRISTOFERUS, Henrique Flory, Edições GRD, 1992, 100 páginas.

H.V. Flory tem sido um dos mais notáveis escritores de FC no Brasil, tendo obtido grande prestígio em pouquíssimo tempo. Conta já vários livros publicados. Este é seu quarto e o quinto está anunciado, sem falar na sua participação na antologia Enquanto Houver Natal pela coleção GRD.

Sem embargo de tudo isso, e embora a contragosto, devo dizer que este livro é decepcionante. Trata-se de uma transposição - mania que vem pegando nos últimos anos e que jamais me agradou. Pergunto quem poderá gostar daquele desenho animado do Super Robin Hood, no asteróide de Sherwood. Pois é. A coisa é mais ou menos essa. Pretendendo homenagear Cristovão Colombo pelo 500º aniversário de sua descoberta (que seria contestada por Hagar, o Horrível), Flory transpõe a aventura para um cenário incompreensível através da Via-Láctea. Portugal e Espanha são planetas (Lusitan e Espúrnica), cujos dirigentes sonham dobrar o Cabo das Tormentas (um abismo negro) e chegar às Índias, além de libertar Jerusalém. Tudo isso é astronáutica.

Flory tem um estilo seguro e um vocabulário rico. Escreve bem, mas o problema todo está no argumento ridículo. Recontando de forma fantasista e anacrônica a história de Colombo, até as datas são de um século XV de alguma estranha era interestelar. Vejam algumas passagens: "Cristovão estava em uma pequena esquadra de três naves, nas proximidades de Lusitan, quando caiu em uma emboscada dos mouros." "Mas, as Índias eram o antípoda exato do Velho Mundo em relação ao Centro da Galáxia - inclusive diziam que os antigos haviam instalado o Portal em Jerusalém justamente por isso. (...)" "Mas havia o Grande Buraco Negro do Centro, o Cabo das Tormentas (...)" "A lenda da linha vital, que rezava que havia um raio máximo a partir do Centro após o qual a vida não era possível e as leis físicas se modificavam (...)" Alguém devia ter dito a Flory que as coisas no espaço galáctico não se passam como no oceano, e nem a mentalidade do século XV real é adaptável a um ambiente cósmico.

Pode parecer estranho, mas eu me senti constrangido à medida em que fui lendo o romance e topando com figuras históricas como a Rainha Isabel, a Católica. E tentei imaginar o que estarão pensando os colegas do fandom, quando eles lerem este livro. Só que...

alguns dos quais eu tão bem conheço. Só espero que este livro não venha a ser fatal para carreira de Flory. Lembro ainda que o precedente aberto conspira contra a originalidade da FC nacional. Se tal veia pegar, qualquer um que disponha de tempo para pesquisas históricas poderá, por exemplo, escolher uma saga como a de Paes Leme (caçador de esmeraldas) e, com hábeis jogos de palavras, transpô-la para ambiente sideral. Ganhará com isso a nossa Ficção Científica?

# Juvenatrix

Caros amigos leitores;

Devido à existência de um outro fanzine chamado VORTEX HQ, que foi criado em 1990 em São Paulo e que é bastante conhecido entre o meio dos fãs de quadrinhos, o nome do nosso fanzine passa a ser agora JUVENATRIX. O novo nome começa a valer já na próxima edição de nº 7, que deverá sair até março.

A outra novidade é a mudança de periodicidade para trimestral, com 4 números anuais. Espero contar com a compreensão e apoio de vocês.

Grato e até a próxima!

JUVENATRIX - fanzine de ficção científica & horror  
Renato Rosatti, Editor  
R. Irmão Ivo Bernardo 40 04773-070 São Paulo/SP

A ÚNICA CONVENÇÃO BRASILEIRA  
DE FICÇÃO CIENTÍFICA QUE  
VOCÊ TERÁ EM 1993!

## IV InteriorCon

13-14 DE NOVEMBRO  
SUMARÉ-SP

**CONVIDADOS: CID FERNANDEZ ·  
THEREZA MONTEIRO · RUBENS  
TEIXEIRA SCAVONE · R. C.  
NASCIMENTO**

PARA RECEBER GRATUITAMENTE O RELATÓRIO DE PROGRESSO  
DA IV INTERIORCON, INFORMANDO DE TODAS AS NOVIDADES  
QUE ESTAMOS PREPARANDO PARA VOCÊ ESTE ANO, ESCREVA  
PARA: RUA ANDRÉ DREIFUS, 109/163 - BLOCO 2 - SÃO  
PAULO-SP : CEP 01252-901 , OU LIGUE PARA O FONE NÚ-  
MERO (011) 871 3646.

## Books to Look For

BY ORSON SCOTT CARD

Esta coluna de resenhas é publicada originalmente em The Magazine of Fantasy and Science Fiction e reproduzida nas páginas do MEGALON com autorização do autor.

Tradução de Roberto de Sousa Causo

\*Poul Anderson The Boat of a Million Years (TOR, encadernação em pano, 1989 470 págs)

O escopo da idéia é de uma ousadia de tirar o fôlego: um romance que nos mostra a história humana através dos olhos dos poucos indivíduos que estiveram lá para vê-la toda. Um punhado de anomalias genéticas, essas pessoas podem ser mortas—mas se a natureza seguir seu curso, eles se curam tão rápido, rejeitam doenças tão facilmente e regeneram-se tão perfeitamente que jamais morreriam por si.

Porque é Anderson escrevendo este romance, ele é coisa boa de se ler. O paço nunca se abrandava, e os personagens lutam para lidarem com sociedades tão variadas quanto a Palestina recém-tornada muçulmana, a Ucrânia sob a Horda Dourada, e o Oeste Americano, cada episódio sendo fascinante. Os personagens se juntam todos em nosso tempo, liderados por Hanno, um fenixiano que teve uma visão do que, juntos, estes imortais poderia se tornar. E quando o estudo dos seus genes conduz à imortalidade para toda a humanidade, é apenas natural que estas últimas relíquias de uma sociedade na qual sobrevivência era uma luta, sejam os que se voltam para fora e lancem uma nave para saudar uma outra espécie e pela primeira vez.

Espero ver este romance nas listas finais de cada prêmio no campo; mas mesmo o tendo apreciado, devo confessar umas poucas decepções. Primeiro, parece a mim que a maioria dos episódios se centra em torno da mesma cena: um imortal cheio de rodeios enquanto ele ou ela confessa o que é a outro imortal. As vezes penso que esta

cena foi repetida ao custo de cenas muito mais poderosas que nós nunca vemos. Sempre parecemos apanhar os personagens depois deles já terem enterado um conjuge ou dois. Só uma vez nós pegamos mesmo um vislumbre da dor misturada com o alívio de um personagem descobrindo pela primeira vez que ele deve ser imune à morte, enquanto todas as pessoas que ele ama morrem ao seu redor. Talvez seja errado cobrar um livro pelo que o autor não faz mas neste caso eu penso que tais cenas eram certamente obrigatórias, e que o livro é mais fraco pela falta delas.

Segundo, eu penso que durante os capítulos contemporâneos e futuros, o livro fica distraído do que o fazia funcionar tão bem até ali. Enquanto Anderson cuidadosamente evita descer finalmente a qualquer posição política, há um pouco de autoritarismo-de-homem-competente demais (há uma referência específica a Heinlein na única cena totalmente embaraçadora do romance) para que eu possa evitar a conclusão de que o autor tem alguma simpatia por essa posição. Isso não é uma falha por eu discordar da política—é uma falha porque achei duro de acreditar que pessoas que têm visto de tudo por centenas de milhares de anos não podiam parecer com algo melhor. Mesmo para além das questões políticas, contudo, é claro que o autor está preso às preocupações de nosso tempo, e particularmente às preocupações da comunidade de ficção científica. É claro, todos os autores estão presos ao seu próprio tempo—mas este livro absolutamente requeria que seu autor fizesse um melhor trabalho de disfarce do fato.

Para a maioria dos leitores, porém, estas minhas reservas parecerão ser meras sutilezas, e talvez sejam. De fato, penso que não há tantas falhas no livro quanto oportunidades que Anderson perdeu. O resultado é que, enquanto este grande projeto literário tenha sido bem trabalhado, ele não foi completamente realizado. Mas eu prefero ver um escritor estar aquém de um Grande Trabalho que um que fracassasse abissalmente em um trivial, o que é de longe o mais comum fracasso em literatura.-- Trad.: R.S. Cause.

\*Robert Charles Wilson The Divide (Doubleday/Foundation, encadernação em pano, 1990, 249 págs.)

As histórias de Wilson têm um decepcionante tipo de quietude sobre elas. Você pensa que está lendo um estudo de personagem—um estudo fascinante—e então subitamente se vê agarrando o livro com dedos suados, virando as páginas vigorosamente enquanto se atira para a frente, ansioso por descobrir o que acontece a seguir, tenso com as dificuldades de pessoas que você vem a conhecer e se importar. No fim, com seu quieto esvanecer, você sente que viveu através de alguma coisa muito mais real que qualquer óbvia história de ação-e-aventura, com personagens que você entende melhor que as pessoas que vivem na mesma casa com você.

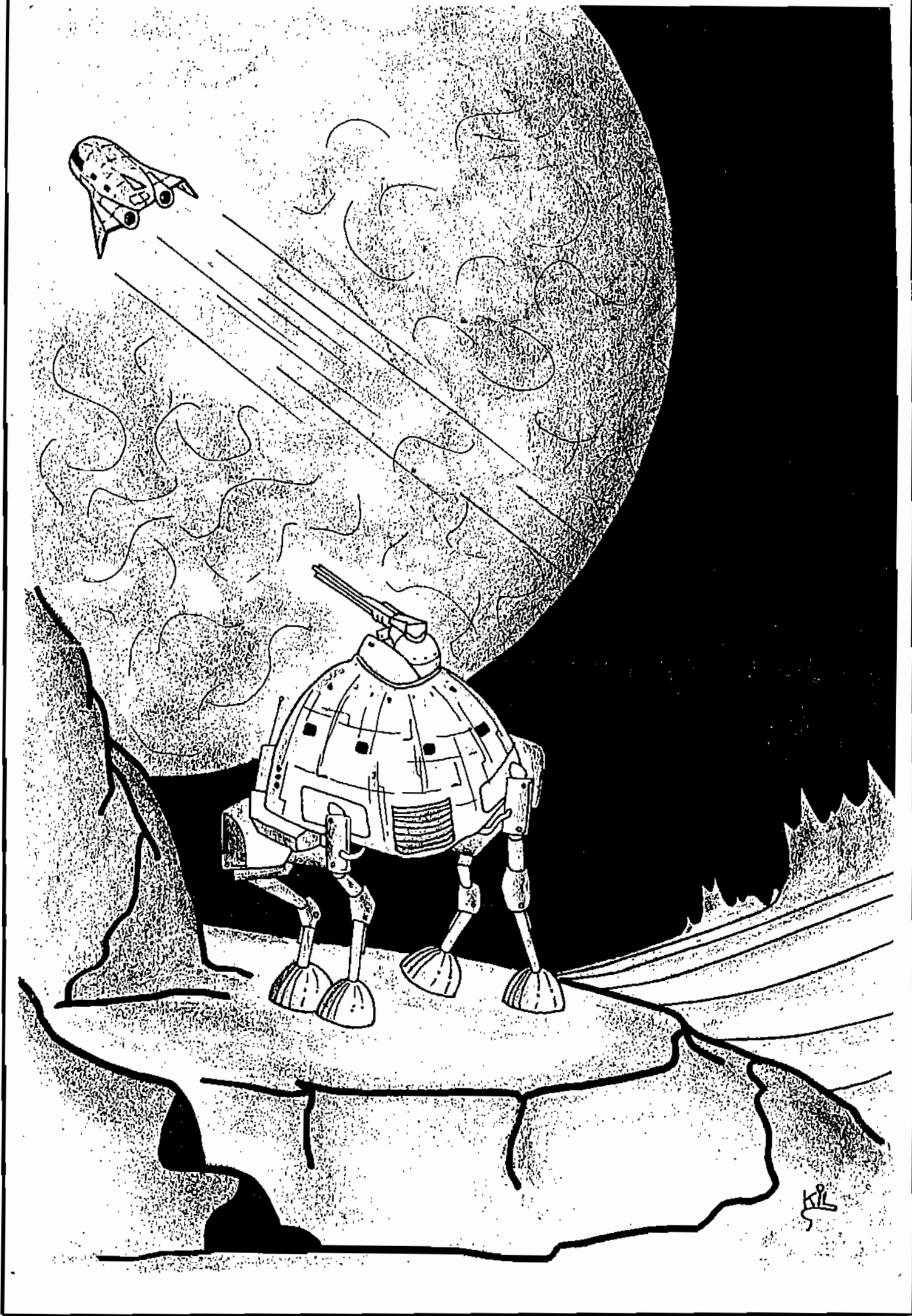
No coração, The Divide é realmente uma venerável situação da velha FC: Um "médico louco" dos anos 50, por interferir com os hormônios de crescimento em um embrião em desenvolvimento, criou uma criança cuja inteligência e rapidez neural ultrapassam em muito as de quaisquer seres humanos normais. Mas então o projeto do médico perde seu suporte e financiamento governamental, e a criança é a dotada por uma família que está despreparada para lidar com seus estranhos talentos e poderes.

Onde Wilson se distancia do clichê é em sua estrutura, que é intrincada mas perfeita. Nós lidamos com a infância de John somente em flashback; nós o encontramos e conhecemos prime

iro como um homem que tem lutado contra sua alienação criando uma personalidade secundária, Benjamin, que é perfeitamente normal e gentil e cheio de compaixão—o oposto de John, que desdenha dos meros humanos, e é desesperadamente necessitado de seu amor e respeito. Nós vemos cada uma dessas personalidades através dos olhos da mulher que o amam. A amante de Benjamin é Amelie, uma garçonne franco-canadense que acha nele mesmo com seus episódios de múltipla-personalidade—a estabilidade de que ela perdeu a esperança de jamais achar em sua vida sem raízes. A amante de John é uma jovem cientista que vem, a princípio, a estudá-lo, então a amá-lo, e finalmente a tentar salvá-lo da depressão neural que parece ser a consequência mais provável do experimento que o produziu.

Há também um irmão de Amelie, Roch, que, como uma vítima da síndrome fetal de álcool, é tanto um produto de interferência intrauterina quanto John. Embora Roch seja violento e tão mentalmente lento quanto John é rápido, os dois são gêmeos em seus sentimentos de isolamento entre as pessoas normais. "Mas um ser humano criado por macacos não é um macaco superior", cisma John. "Em todas as qualidades que importam aos macacos, ele não é muito de um macaco mesmo". O que salva John de ser uma versão brilhante de Roch é Benjamin, uma personalidade que ele pensa ter inventado como um disfarce, mas que pode de fato ter sido sua verdadeira alma depois de tudo.

Robert Charles Wilson é um bom contador de história e um igualmente talentoso escritor; o puro prazer de sua linguagem ecoa na clareza de seu pensamento. Suas especulações sobre a natureza da inteligência são tão fascinantes quanto suas explorações de personalidade. Por tudo, Wilson é o melhor exemplo que vi de um escritor que está usando as técnicas da ficção científica para produzir significativas realizações literárias. Ele não está sozinho nas tentativas de, mas tem pouca e preciosa companhia entre os que nela foram bem sucedidos. -- Trad.: R. S. Cause.



KSL



## Sociedade Brasileira de Arte Fantástica

Um grupo de interessados em ficção científica, motivados pela efervescência de projetos e idéias, resolveu amarrar tudo em uma única proposta que permitisse a articulação racional desses projetos com vistas à otimização de resultados. Imaginou-se ainda várias vantagens possíveis se existisse um organismo dedicado à organização de eventos, workshops, etc. e que desse real apoio a publicações amadoras. O termo "sociedade" reforça a intenção do grupo em ser mais que um clube de aficcionados, mas sem chegar ao posicionamento político de uma associação. Trata-se de um grupo de criadores, que quer ver prosperar as atividades criativas relacionadas com Arte Fantástica, em sua mais ampla abrangência de interesses e áreas de atuação, seja nos campos da literatura, quadros, ilustração, cinema, modelismo, etc. E a palavra "brasileira" também traduz o ideal de que suas atividades tenham uma orientação que promova o uso de imagens brasileiras e da realidade nacional como elemento básico de suas obras. A Sociedade Brasileira de Arte Fantástica é, portanto, um grupo diversificado mas armado com o objetivo principal de fomentar a arte fantástica brasileira.



A SBAF realizará reuniões mensais todo segundo sábado do mês na Gibiteca Henfil, à partir das 13:00h. - Rua Sena Madureira, 298 - Vila Mariana - São Paulo-SP - F.:(011) 574 0389 .

Primeira reunião: Sábado, 13 de março de 1993.



SBAF - Caixa Postal 375- Santo André-SP - CEP 09001-970